

HAROLD PINTER

A VOLTA AO LAR

Peça em dois atos

Tradução de

Millôr Fernandes

Título do original:
THE HOMECOMING

© Copyright 1965 e 1966 by H. Pinter Ltd.
Todos os direitos reservados.

Advertência: Esta peça é plenamente defendida pelo *copyright*. Todos os pedidos referentes aos direitos para representação, por profissionais ou amadores, para leitura ou para qualquer outro uso deste texto deverão ser dirigidos a The Lawrence Smith Literary Agency, Avenida de los Incas, 3110, Buenos Aires, Argentina, agente de ACTAC, Ltd., 16 Cadogan Lane, London SW1, Inglaterra, ou ao seu representante no Brasil, SBAT — Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, Av. Almirante Barroso, 97, 3.º andar, Rio de Janeiro. Todo abuso será considerado violação da propriedade intelectual, nos termos dos códigos Civil e Penal.

1.ª edição — dezembro de 1976

© Copyright desta edição, 1976
Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo
Texto publicado com autorização da ACTAC
(Theatrical & Cinematic) Limited, Londres.
Tradução publicada com a licença de
Millôr Fernandes.

A VOLTA AO LAR

PERSONAGENS

LENNY

MAX

SAM

JOEY

TEDDY

RUTH

Uma casa velha na zona norte de Londres. Um aposento bem amplo, tomando toda a extensão do palco. A parede ao fundo, que deveria ter uma porta, foi removida. Ficou apenas um ar de linhas retas. Por trás do arco, o hall. No hall, uma escada subindo para a esquerda alta, bem à vista. Porta da frente à direita alta. Um cabide para capotes, etc. Uma janela, à direita. Mesas desirmanadas, cadeiras. Duas grandes poltronas. Um sofá, também grande, à esquerda. Contra a parede da direita, um grande aparador, na parte superior do qual há um espelho. Na esquerda alta um aparelho combinado de rádio e vitrola.

ATO I

Anoitecer.

Lenny está sentado no sofá, lendo o jornal, lápis na mão. Usa um terno escuro. De vez em quando, anota qualquer coisa no jornal. Max entra, vindo da cozinha. Vai ao aparador, abre uma gaveta, remexe lá dentro, fecha. Usa um velho cardigan, boné, bengala. Avança até a frente do palco, olha em volta.

MAX

Q que é que você fez com a tesoura? *(Pausa.)* Eu disse que estou procurando a tesoura. O que é que você fez com ela? *(Pausa.)* Não ouviu, não? Quero cortar um negócio no jornal.

LENNY

Eu estou lendo o jornal.

MAX

Não é desse. Esse daí eu nem li. Estou falando no jornal do domingo passado. Tava dando uma olhada nele lá na cozinha. *(Pausa.)* Não está ouvindo o que eu estou falando? Estou falando com você! Onde é que meteu a tesoura?

LENNY *(levantando a cabeça, calmamente)*

Por que você não cala essa boca, hein, ô puto velho?

(Max levanta a bengala e aponta-a pra ele.)

MAX

Não fala assim comigo. Estou te avisando. (Senta na poltrona grande.) O jornal está anunciando coletes de flanela, quase de graça. É no depósito da Marinha. E eu bem que estou precisando. (Pausa. Faz gesto de fumar.) Dá um pra mim aí, vai. Me dá uma fumaça. (Pausa.) Eu te pedi um cigarro, não vai dar não? (Tira um cigarro amassado do bolso.) Então eu me viro aqui com esse mesmo. (Pausa.) Estou ficando velho, palavra de honra. (Acende o cigarro.) Você acha que eu nunca fui moço, não é não? Fui moço e espalha-brasa, rapaz. Topava qualquer parada. Ainda sou forte, mas pergunte ao seu tio Sam como é que eu era. Podia com dois de você. Mas ao mesmo tempo sempre tive um coração mole. Sempre. (Pausa.) Eu costumava andar noite e dia junto com um camarada chamado MacGregor. Eu chamava ele de Mac. Você se lembra dele, Mac? Ahh, lembra? (Pausa.) HUUUU! Nós dois éramos os caras mais odiados aqui da zona. Se não acredita, eu ainda posso te mostrar umas cicatrizes. Quando entrávamos num lugar, todo mundo se levantava, abria alas pra nós dois passar. Você nunca ouviu um silêncio assim na tua vida. Também não era mole não, o cara era grande pra caramba, tinha quase um e noventa. A família dele era toda de MacGregores, vieram todos da Escócia, mas só ele a gente chamava de Mac. (Pausa.) Ele gostava muito da tua mãe, gostava muito mesmo. Tinha sempre uma palavrinha carinhosa pra ela. (Pausa.) Eu vou te dizer, hein, não era uma mulher ruim não. Me dava vontade de vomitar só ter que olhar a porra daquela cara dela toda esculhambada, mas

não era uma puta lá tão ruim assim, não. Dei a ela o sangue quente da minha mocidade, foi o que eu dei a ela — a coisa melhor que a gente tem na vida.

LENNY

Quer desligar a tomada, por favor, que eu estou lendo o jornal, ô escroto de merda!

MAX

Escuta aqui! Eu te quebro a espinha se você me falar mais desse jeito! Está me ouvindo bem? Não se faça assim a um pai, mesmo quando esse pai é um escroto de merda.

LENNY

Quer uma informação *de cocheira*: você tá gagá há muito tempo. (Pausa.) O que é que você acha de Vento Sul no segundo páreo?

MAX

Onde?

LENNY

No Derby de Sandow Park.

MAX

Não dá pra saída.

LENNY

Besteira sua. Um cavalo!

MAX

Não dá pra saída.

LENNY

Vencedor fácil. *(Bate no jornal, agita-o na cara do velho.)*

MAX *(falando para uma audiência invisível)*

Agora quer me ensinar sobre cavalos. *(Pausa.)* Eu costumava dormir na pista. Uma das paixões da minha vida. Epsom? Conheço Epsom como a palma de minha mão. Eu era a cara mais manjada do pádoque. Vida ao ar livre — isso é que é vida. *(Pausa.)* Vem falar de cavalo comigo! Você conhece cavalo de ler o nome no jornal. Mas eu alisei a crina deles em pessoa, ia pra lá, ficava seguindo as rédeas, acalmei muito campeão nervoso antes de um grande páreo. Era a mim que todo mundo chamava em qualquer dificuldade. “Max” — me diziam —, “tem esse cavalo aqui, tá que é um nervo só, vê se acalma ele”. Chiii, me cansei de ouvir isso. Eu tinha um... tinha uma afinidade instintiva com os animais. Eu devia ter sido treinador. Me ofereceram pra ser isso, muitas vezes, mas não estou falando *ofereceram*, assim por falar... Não, um emprego direito mesmo. Quem me ofereceu foi o duque de... Como é mesmo? Esqueço o nome! Um desses duques. Mas tinha os meus compromissos em casa, os meus deveres para com a família. *(Pausa.)* Nem tem conta as vezes que assisti os animais tropejando pelo poste de chegada! Que emoção. E sabe mais, eu não perdia nos cavalos não, até que fiz um dinheirinho com eles, e por quê? Pergunta por quê? Porque eu sempre distingui o cheiro de um bom cavalo. Era só abrir as narinas *(funga)* e eu sabia. E não conhecia só os cavalos — as éguas também. As éguas são mais nervosas do que os cavalos e por isso a gente não pode garantir tanto o comportamento delas, você disse não sabia. Como, vai me dizer que sabia? Aqui que sabia. Agora eu, sim, tinha um truque pra saber se a égua era

boa. Olhava ela no olho, manjou? Eu ficava na frente dela, olhava firme no olho dela, assim uma espécie de hipnotismo e pela resposta que ela me dava eu podia dizer se era um animal de ir até o fim ou se era uma dessas que entrega os pontos no meio da raia. Um dom! Eu tinha esse dom! *(Pausa.)* E ele vem me falar de cavalo!

LENNY

Você se importa se eu mudar de assunto? *(Pausa.)* Quero te perguntar uma coisa. Essa comida que nós comemos, como é mesmo o nome dela? Como é que você chama essa comida? *(Pausa.)* Por que que você não compra um cachorro? Você cozinha bem pra cachorro. Verdade. Você acha que está cozinhando prum bando de vira-latas.

MAX

Quem não gosta que se mude!

LENNY

Vou pensar nisso. Por enquanto vou sair e ver se janto alguma coisa para tirar o gosto desse teu jantar.

MAX

Vai logo! Que é que está esperando? *(Lenny o olha.)*

LENNY

O que é que você disse?

MAX

Eu disse vomita, bota pra fora, foi o que eu disse.

LENNY

Primeiro eu boto *você* pra fora, paizinho, se continuar a me falar nesse tom.

MAX

E você lá tem coragem, veado? *(Segura a bengala com força.)*

LENNY

Ah, paizinho, não vai usar essa bengala em mim, vai? Ahn? Não usa a bengala em mim, papai. Não usa, por favor. A culpa não é minha, papai, a culpa é da educação que me deram. Agora vem o senhor querer me consertar com a sua bengala, paizinho. *(Silêncio. Max está curvado. Lenny lê o jornal. Sam entra pela porta da frente. Veste uniforme de chofer. Pendura o boné num cabide do hall e entra no aposento. Pega uma cadeira, senta e suspira.)* Olá, tio Sam.

SAM

Que é que há?

LENNY

Você está bom, titio?

SAM

Estou. Um pouco cansado.

LENNY

Cansado? Ah, é! Por onde é que andou hoje?

SAM

No aeroporto de Londres.

LENNY

Oba, foi puxado, então, hein? Foi por onde, pegou a A4?

SAM

A A4, é. Fui por ela a vida toda.

LENNY

Tch, etch, etch, etch, tch. Acho que você tem direito a um bom descanso, tio. Não é mole!

SAM

O pior são os engarrafamentos.

LENNY

Pois é. Estou falando disso. O pior são os engarrafamentos.

SAM

Liquidam com os nervos. *(Pausa.)*

MAX

Eu também estou aqui, você notou? *(Sam o olha.)* Eu também estou aqui. Sentado aqui, é!

SAM

Estou vendo.

LENNY

Acho que são esses cruzamentos, não é, titio? A A4 tem cruzamentos pra burro. Eles têm que acabar é com isso.

SAM

Acabar como? Não podem.

LENNY

Não podem o quê? Se não podem, a estrada um dia entope pra sempre, do jeito que vai.

SAM

Ué, os carros que estão de um lado têm que passar pro outro, ão têm? Como é que vão fazer isso — voando? Não; cruzando a A4.

LENNY

Não seja bobo, titio. Quer dizer, não seja tão bobo, tá bem? Basta eles construírem viadutos e passagens subterrâneas. Só isso. Como na Califórnia.

MAX

O que é que você entende de Califórnia?

LENNY

Desculpa, papai. quer repetir? Eu não peguei bem essa.

MAX

O que é que você entende de Califórnia?

LENNY

Bem, entendo um pouquinho mais do que o senhor, não acha? *(Pausa.)*

SAM

O meu serviço hoje foi com um americano... levei-o ao aeroporto.

LENNY

Ah, um americano, é?

SAM

Foi, me contratou pro dia todo. Peguei-o no Savoy às onze e meia, levei pra almoçar no Capricho. Depois do

almoço rodamos até a praça de Eaton — ele foi lá visitar um amigo — e na hora do chá tornei a apanhá-lo e fomos embora.

LENNY

Ele foi pegar um avião ou esperar alguém?

SAM

Pegar um avião. Olha o que ele me deu. Uma caixa de charutos. *(Tira a caixa do bolso.)*

MAX

Mostra bem. Deixa a gente dar uma olhada. *(Sam mostra os charutos a Max. Max tira um da caixa, belisca-o e cheira-o.)* Um belo charuto!

SAM

Quer experimentar um? *(Max e Sam acendem charutos.)* Sabe o que ele me disse? Me disse que eu era o melhor chofer que tinha conhecido em toda a vida. O melhor de todos...

MAX

De que ponto de vista?

SAM

Ahn?

MAX

De que ponto de vista?

LENNY

Do ponto de vista de guiar automóvel, papai, e de um

sentimento geral de cortesia característico do seu irmão aqui, não é, titio?

MAX

Achou que você era um bom chofer, é mesmo, Sam? E aí te deu essa caixa de charutos.

SAM

Achou que eu era o melhor chofer que ele já tinha visto. Todos dizem isso, você sabe. Não querem andar com mais ninguém, só mandam chamar a mim. Dizem que sou o melhor chofer da firma.

LENNY

Mas isso deve deixar os outros choferes todos com uma inveja danada, não deixa não, tio?

SAM

Se deixa! Ficam danados da vida.

MAX

Por quê? *(Pausa.)*

SAM

Eu acabei de dizer.

MAX

É, mas não ficou bem claro, Sam. Por que é que os outros choferes ficam danados da vida?

SAM

Porque (A) eu sou o melhor chofer de todos e (B) porque não tomo liberdades. *(Pausa.)* Não me imponho às pes-

soas, você bem sabe. Esses grandes homens de negócios, pessoas importantes, não gostam de chofer conversa-fiada. Gostam de ficar sentados lá atrás, sentindo um pouco de paz e tranqüilidade enquanto vão pra onde vão. Afinal, quem pode pagar um Humber Super Snipe, tem direito a uma certa tranqüilidade. Mas, ao mesmo tempo, e isso é que me bota numa categoria verdadeiramente especial... eu sei onde é que entro com meu jogo, quando é necessário. *(Pausa.)* Por exemplo, pra esse homem hoje eu contei minha participação na Segunda Guerra Mundial. Não na Primeira. Provei que na Primeira eu nem tinha idade. Mas, na Segunda, eu estava lá. *(Pausa.)* E ele também, como vim a saber. *(Lenny se levanta, vai ao espelho, endireita a gravata.)*

LENNY

Com certeza ele foi coronel ou coisa assim, na Força Aérea Americana.

SAM

Isso mesmo.

LENNY

E agora, deve ser gerente geral de uma companhia aérea internacional.

SAM

Isso mesmo.

LENNY

Eu conheço a espécie de pessoa de quem você está falando. *(Sai, virando à direita.)*

SAM

Afinal de contas, eu tenho experiência. Aos dezenove anos já guiava um caminhão da limpeza pública. Depois foi a estrada. Anos e anos, levando toneladas pra lá e pra cá. Depois, dez anos como chofer de táxi. E, agora, cinco como motorista particular.

MAX

Engraçado é que você nunca se casou. Um homem com tantas qualidades. *(Pausa.)* Não é mesmo? Um homem como você?

SAM

Tem tempo ainda.

MAX

Será que tem? *(Pausa.)*

SAM

Você ia ficar surpreendido.

MAX

Com quê? Você andou metendo em alguma passageira?

SAM

Não eu.

MAX

No banco de trás, ahn? Carrão confortável, o Humber, hein? É só entrar num desviozinho da estrada e a cama está lá atrás prontinha pruma boa bimbada.

SAM

Não eu.

MAX

Agora me diz aqui: como é que você faz com o descanso do braço? Você levanta ele ou serve como apoio pra calçar a mulher?

SAM

Eu nunca fiz essas coisas no meu carro.

MAX

Você está muito acima dessas coisas, não é mesmo, Sam? Falou a absoluta verdade. Você não se rebaixa a uma boa trepada no banco de trás, não é mesmo?

SAM

Isso mesmo. Deixo isso pros outros.

MAX

Deixa isso pros outros? Que outros, seu putto impotente?

SAM

Eu não gosto de esculhambação no meu carro! No carro do meu patrão! Como certas pessoas.

MAX

Que pessoas? Que certas pessoas? *(Pausa.)* Que certas pessoas? *(Pausa.)*

SAM

Certas pessoas. *(Pausa.)*

MAX

Quando você encontrar uma boa moça, Sam, a mulher que você achar sob medida pra você, traz ela pra família conhecer, tá? Não esquece, e eu vou te oferecer uma des-

pedida formidável, te prometo. Pode até trazer ela pra viver aqui, e em vez de fazer só você feliz, ela faz nós todos felizes. Organizamos um rodízio e cada hora é a vez de um dar uma voltinha nela.

SAM

Minha mulher nunca que ia botar os pés aqui.

MAX

Sam, quem decide é você. Se você trazer a tua noiva pra cá vai ser muito bem recebido, porque, que diabo, aqui é a tua casa; mas se preferir alugar pra ela uma suíte de luxo no Dorchester, isso é lá com você. A decisão é tua.

SAM

Besteira. Eu nem tenho noiva. *(Sam se levanta, vai até o aparador, pega uma maçã e morde.)* Tou ficando com fome. *(Olha pela janela.)* Pelo menos não tenho noiva como você tinha. Nada parecido com a tua noiva... daqueles tempos. Nada como Jessie. *(Pausa.)* Afinal, eu saí com ela uma ou duas vezes, não saí? Uma ou duas vezes dei umas voltas com ela no meu táxi. Uma mulher encantadora! *(Pausa.)* É claro que ela era tua esposa. Mesmo assim, porém, te digo, foram algumas das noites mais deliciosas da minha vida. Pegava ela e saía com ela de carro por aí. Meu prazer era esse.

MAX *(devagar, fechando os olhos)*

Deus do céu!

SAM

Depois a gente saltava num quiosque pra tomar uma

xícara de café. Jessie, que boa companhia. *(Silêncio. Joey entra pela porta da frente. Tira o jaleco, atira-o numa cadeira, fica em pé. Silêncio.)*

JOEY

Tou com uma certa fome.

SAM

Eu também.

MAX

Que é que vocês pensam que eu sou? Mãe de vocês? Hein? Diz! Entram e saem dia e noite como animais selvagens. Sai por aí e vê se arranja uma mãe para você.

(Lenny entra, fica de pé.)

JOEY

Eu treinei à bessa na Academia.

SAM

Pois é, o rapaz trabalha o dia todo, depois treina a noite inteira...

MAX

O que é que você quer, seu putão? Você que fica o dia inteiro lá no aeroporto sentado em cima do próprio rabo, por que não aproveita o tempo e compra uma panqueca? Vocês acham que estou aqui só esperando pra ir correndo pra cozinha no momento exato em que botam o pé na soleira da porta. Você já viveu sessenta e três anos, por que não aprendeu a cozinhar?

SAM

Eu sei cozinhar.

MAX

Então vai e cozinha! *(Pausa.)*

LENNY

Papai, o que os meninos querem é a tua forma pessoal de culinária, papai. É isso que os meninos anseiam, na hora da fome. Essa especial compreensão do problema alimentar, você sabe, que só você tem e mais ninguém.

MAX

Deixa de me chamar de papai. Pára imediatamente de me chamar de papai, compreendeu?

LENNY

Ué, mas eu sou teu filho. Você costumava me botar na cama toda noite. Também não botava você na cama toda noite, Joey? *(Pausa.)* A coisa que ele mais gostava: botar os filhos na cama. *(Se volta e caminha em direção à porta.)*

MAX

Lenny.

LENNY *(se virando)*

Fala.

MAX

Olha, Lenny, meu filho, uma noite dessas eu te dou uma surra que você vai me pedir de joelhos pra eu te botar na cama, como antigamente. Grava bem o que eu digo.

(Os dois se entreolham, Lenny abre a porta da frente e sai. Silêncio.)

JOEY

Hoje eu treinei com Bobby Dodd. *(Pausa.)* E fiz saco também, quase uma hora. *(Pausa.)* Minha forma não está nada má.

MAX

O boxe é um esporte de cavalheiros. A nobre arte. *(Pausa.)* Vou te ensinar o que você tem que fazer. O que você tem que fazer é aprender a se defender e também aprender a atacar. São os teus únicos defeitos como lutador. Não sabe se defender e não sabe atacar. *(Pausa.)* Assim que aprender essas duas artes, você vai subir logo. *(Pausa.)*

JOEY

Eu tenho uma maneira mais fácil de subir logo, você vai ver. *(Joey procura o casaco, pega-o, sai do quarto e sobe as escadas. Pausa.)*

MAX

Sam . . . por que você não vai embora também, hein? Vai lá pra cima, vai. Me deixa em paz. Me deixa sozinho.

SAM

Preciso esclarecer uma coisa sobre Jessie, Max. Preciso mesmo. Quando eu andava com ela no táxi, passeando na cidade, eu estava era tomando conta dela pra você. Tomava conta dela pra você, enquanto você estava ocupado, você sabia, não sabia? Passeava com ela, mostrava a ela o West End. *(Pausa.)* Você não teria confiado

em nenhum dos outros irmãos. Nem teria confiado em Mac, teria? Mas em mim você confiava. Quero te lembrar disso. *(Pausa.)* O velho Mac morreu há uns anos atrás, não morreu? Morreu ou não morreu? *(Pausa.)* Era um boquirroto sórdido, velhaco e nojento. Filha da puta, ignorante, veado, imundo; taí um bom amigo teu. *(Pausa.)*

MAX

Eh, Sam...

SAM

Que é?

MAX

Por que é que eu deixo você ficar aqui? Você não passa de um porco velho.

SAM

Você acha?

MAX

Um maluco!

SAM

É mesmo?

MAX

Assim que você deixar de pagar a tua parte aqui, quero dizer, assim que você ficar velho demais pra pagar a tua parte aqui, sabe o que é que eu vou fazer? Vou te dar um pontapé no rabo.

SAM

Mas vai, é?

MAX

Claro. Fica combinado assim; traz o dinheiro que eu te agüento. Mas quando a firma te botar na rua — eu aqui repito a dose.

SAM

Esta casa é minha também, é bom não esquecer. Era da mamãe.

MAX

Uma desgraça atrás da outra. Uma miséria atrás da outra.

SAM

Antes foi de papai.

MAX

Olha em que é que eu me meti. Uma golfada de pus fedorento atrás da outra. Um cagalhão atrás do outro. *(Pausa.)* Papai, é? Eu me lembro dele. Não tenha receio. Costumava se levantar de noite e se curvar sobre mim. Era assim o meu velho. Se curvava em cima de mim, me pegava e me levantava. Eu era desse tamanhinho! Aí me ninava. Me dava a mamadeira. Me limpava. Sorria! Batia no meu bum-bum, me jogava de uma mão para outra. Me jogava pro alto. Me aparava. Me lembro de papai.

(Blecaute.

As luzes se acendem. Noite. Teddy e

Ruth estão na soleira do aposento. Ambos muito bem vestidos com roupas leves de verão e capas de chuva também leves. Têm duas malas junto deles. Olham o aposento. Teddy fica jogando para o alto a chave que tem na mão; sorri.)

TEDDY

Bem, a chave funcionou. *(Pausa.)* Não mudaram a fechadura. *(Pausa.)*

RUTH

Não tem ninguém em casa.

TEDDY *(olhando para cima)*

Devem estar dormindo. *(Pausa.)*

RUTH

Posso sentar?

TEDDY

Claro.

RUTH

Estou cansada. *(Pausa.)*

TEDDY

Então senta. *(Ela não se move.)* Essa é a cadeira do pai.

RUTH

Essa aí?

TEDDY *(sorrindo)*

Essa aí mesmo. Posso subir pra ver se meu quarto ainda está lá?

RUTH

Você acha que ele foi embora?

TEDDY

Eu falo da mobília. Se a minha cama ainda está lá.

RUTH

Pode ter alguém dormindo nela.

TEDDY

Não. Cada um tinha a sua cama. *(Pausa.)*

RUTH

Não é melhor você acordar alguém? Avisar que nós chegamos?

TEDDY

A essa hora da noite? É muito tarde. *(Pausa.)* Posso subir? *(Ele vai até o hall, olha para cima, volta.)* Por que você não senta? *(Pausa.)* Vou subir um pouco... só uma olhada. *(Sobe a escada, pé ante pé. Ruth continua de pé, logo começa a andar vagarosamente pelo aposento. Teddy volta.)* Ainda está lá direitinho. Meu quarto. Vazio. A cama está lá. Que é que você está fazendo? *(Ela o olha.)* Tem cobertores, mas não tem lençóis. Vou ver se encontro algum. Ouvei uns roncos. Estão aí, sim. Estão todos lá em cima, roncando. Tá com frio?

RUTH

Não.

TEDDY

Eu preparo alguma coisa pra você beber, se quiser. Alguma coisa quente.

RUTH

Não, não quero nada. *(Teddy anda em volta.)*

TEDDY

Que é que você acha desta sala? Grande, não? É uma casa enorme. Uma boa sala, você não acha? Não era assim, antigamente. Tinha uma parede ali, com uma porta. Derrubamos a parede, anos atrás. Queríamos um *living* maior. Mas a estrutura, em princípio, ficou a mesma, se percebe, não? Minha mãe tinha morrido. *(Ruth senta.)* Cansada?

RUTH

Um pouco.

TEDDY

Podemos ir pra cama, se quiser. Não tem sentido acordar ninguém a esta hora. É melhor ir pra cama. De manhã nós vemos eles... De manhã eu vejo meu pai. *(Pausa.)*

RUTH

Você quer ficar?

TEDDY

Quero ficar? *(Pausa.)* Mas nós viemos pra ficar. Pretendemos ficar... uns dias.

RUTH

Acho que... as crianças... devem estar sentindo a nossa falta.

TEDDY

Não seja ridícula.

RUTH

Por que, não sentem?

TEDDY

Uns dias só. Voltamos logo. *(Anda em volta.)* Nada mudou. Tudo no mesmo. *(Pausa.)* Que surpresa, a do velho, amanhã de manhã, hein? Você vai gostar muito dele. Vai ver só. Ele é... bem, está velho, naturalmente; acabado. *(Pausa.)* Foi aqui que eu nasci, sabe lá o que é isso?

RUTH

Sei. *(Pausa.)*

TEDDY

Por que não vai pra cama? Vou arranjar uns lençóis. Me sinto tão... acordado, não é estranho? Vou ficar por aqui ainda um pouco. Está cansada?

RUTH

Não.

TEDDY

Vai pra cama. Eu te mostro o quarto.

RUTH

Não, não quero ir não.

TEDDY

Pode ficar lá descansada, não tem perigo. Eu não demoro. Olha, é logo ali. Primeira porta à direita, no cor...

dor. O banheiro é a segunda porta também à direita. Precisa descansar um pouco, estou vendo. *(Pausa.)* Eu só queria... andar por aí alguns minutos. Se incomoda?

RUTH

Claro que não.

TEDDY

Bem... vamos ver o quarto?

RUTH

Não. Estou muito bem aqui, por enquanto.

TEDDY

Você não é obrigada a ir pra cama. Não estou dizendo que você *tem* que ir pra cama. Pode ficar comigo, se quiser. Talvez eu faça uma xícara de chá, ou prefere outra coisa? Só não podemos fazer barulho pra não acordar ninguém.

RUTH

Não estou fazendo barulho.

TEDDY

Eu sei. *(Se aproxima dela, delicadamente.)* Olha, está tudo realmente muito bem. Eu estou aqui. Quer dizer... estou aqui com você. Não precisa ficar nervosa. Está nervosa?

RUTH

Não.

TEDDY

Não precisa ficar. *(Pausa.)* É uma gente cheia de calor

humano, você vai ver. Gente quente. Minha família. *(Pausa.)* Bem, talvez seja melhor irmos pra cama. Porque, pensando bem, vamos ter que acordar cedo, ver papai. Não ficava bem ele nos encontrar na cama, acho. *(Ri, em risinhos breves.)* Temos que levantar antes das seis, descer, cumprimentar todo mundo. *(Pausa.)*

RUTH

Acho que vou tomar um pouco de ar.

TEDDY

Ar? *(Pausa.)* Que é que você quer dizer?

RUTH (de pé)

Dar uma volta.

TEDDY

A esta hora da noite? Mas... acabamos de chegar aqui. Temos que ir pra cama.

RUTH

Preciso de um pouco de ar.

TEDDY

Mas eu vou pra cama.

RUTH

Está bem. Vai.

TEDDY

Mas o que é que eu vou fazer? *(Pausa.)* A última coisa em que eu pensaria agora era dar um passeio. Que idéia! Por que é que você está precisando de ar?

RUTH

Porque preciso.

TEDDY

Mas é tão tarde!

RUTH

Não vou muito longe; volto logo. *(Pausa.)*

TEDDY

Eu espero você.

RUTH

Por quê?

TEDDY

Não quero ir pra cama sem você.

RUTH

Posso levar a chave? *(Ele entrega a chave.)* Por que não vai pra cama? *(Ele põe os braços nos ombros dela e a beija. Se olham por pouco tempo. Ela sorri.)* Não demoro.

(Ela sai pela porta da frente. Teddy vai até a janela, olha através da escuridão para ver Ruth, se volta um pouco sobre si mesmo, fica em pé, de novo. Subitamente, chupa os nós dos dedos. Lenny entra, vindo da esquerda alta. Pára. Usa pijama e roupão. Olha Teddy. Teddy se vira e o vê. Silêncio.)

TEDDY

Olá, Lenny.

LENNY

Olá, Teddy. *(Pausa.)*

TEDDY

Não ouvi você descendo a escada.

LENNY

Eu não descí. *(Pausa.)* Durmo aqui embaixo agora. Naquela porta. Arrumei ali uma espécie de estúdio; cantinho de trabalho e quarto de dormir. Naquela porta ali, sabe!

TEDDY

Oh! Quer dizer então . . . que eu acordei você?

LENNY

Não. Fui dormir cedo, hoje, mas não consegui dormir. Sabe como é. Fiquei andando. *(Pausa.)*

TEDDY

Não está se sentindo bem?

LENNY

Não, só com o sono um pouco agitado. Pelo menos hoje.

TEDDY

Teve pesadelos?

LENNY

Uma coisa parecida. Mas acho que nem estava bem dor-

mindinho. Tem alguma coisa que me mantém acordado.
Uma espécie de tique.

TEDDY
Tique?

LENNY
É.

TEDDY
Que tique?

LENNY
Não sei. *(Pausa.)*

TEDDY
Você tem algum despertador no quarto?

LENNY
Tenho.

TEDDY
Então deve ser o relógio.

LENNY
É, pode ser. *(Pausa.)* Bem, se for o relógio, é fácil. Posso
abafar com alguma coisa. *(Pausa.)*

TEDDY
Eu resolvi voltar, ficar uns dias.

LENNY
Ah, é? Resolveu? *(Pausa.)*

TEDDY
Como é que está o velho?

LENNY
Vendendo saúde. *(Pausa.)*

TEDDY
Eu também vou me conservando bem.

LENNY
Vai, né? *(Pausa.)* Você vai ficar aqui, hoje?

TEDDY
Vou.

LENNY
Bem, teu quarto ainda está lá. Pode dormir nele.

TEDDY
Eu vi. Já dei uma subida.

LENNY
Pois é, pode dormir lá. *(Boceja.)* Ah, bem . . .

TEDDY
Vou indo pra cama.

LENNY
Vai?

TEDDY
Vou. Preciso dormir um pouco.

LENNY

É, eu também vou pra cama. *(Teddy pega as malas.)* Eu te dou uma ajuda.

TEDDY

Não precisa. Não estão pesadas. *(Teddy vai pro hall com as malas. Lenny desliga a luz. A luz do hall continua acesa. Lenny segue Teddy até o hall.)*

LENNY

Precisa de alguma coisa?

TEDDY

Mmmmmmmmmmmmmmmmm?

LENNY

Não tem nada que você precise, de uso, eu digo? Ou um copo d'água, qualquer coisa assim?

TEDDY

Uns lençóis, tem por aí?

LENNY

No armário do teu quarto.

TEDDY

Ah, ótimo!

LENNY

Uns amigos meus, de vez em quando, dormem no teu quarto quando estão de passagem nesta parte do mundo.

(Lenny apaga a luz do hall e liga a luz do primeiro andar. Teddy começa a subir a escada.)

TEDDY

Bem, te vejo então amanhã de manhã, na hora do café.

LENNY

Ah, sim, é. Tá, tá.

(Teddy sobe a escada. Lenny sai pela porta esquerda. Silêncio. A luz do primeiro andar se apaga. Fica uma vaga luz noturna no ambiente principal e no hall. Lenny volta, vai à janela e olha pra fora. Se afasta da janela e liga uma luz. Tem na mão um pequeno despertador. Senta-se, põe o relógio à sua frente, acende um cigarro. Ruth entra pela porta da frente. Fica de pé, parada. Lenny vira a cabeça, sorri. Ela entra, vagarosamente, no aposento.)

LENNY

Boa noite.

RUTH

Bom dia, eu acho.

LENNY

Tem toda razão. *(Pausa.)* Meu nome é Lenny; e o seu?

RUTH

Ruth. *(Ela senta, levanta a gola do casaco sobre o rosto.)*

LENNY

Frio?

RUTH

Não.

LENNY

Tem feito um verão maravilhoso, não é mesmo? Extraordinário. *(Pausa.)* Quer tomar alguma coisa? Um refrigerante qualquer? Prefere um aperitivo, alguma coisa assim?

RUTH

Não, obrigada.

LENNY

Ainda bem que você não quer. Não temos uma gota de bebida em casa. Natural que eu arranjava logo, se fôssemos dar uma festa, por exemplo, ou outra coisa assim. Uma comemoração qualquer... você sabe. *(Pausa.)* Você deve ter alguma ligação com meu irmão, naturalmente. Eu digo esse que estive no estrangeiro.

RUTH

Eu sou mulher dele.

LENNY

Ah, escuta, talvez você possa me ajudar aqui. Esse relógio está me atrapalhando a vida. Tem um tique que não

me deixa dormir. Pra dizer a verdade, o problema é que eu não estou bem certo se o tique é do relógio. Porque de noite tem uma porção de coisas com tique, você já reparou isso? Tudo quanto é objeto comum durante o dia, de noite muda. De dia não fazem mal nenhum. Mas de noite todos eles começam a soltar um tique. Durante o dia você pode olhar — pode mesmo — para qualquer um deles e não tem nada fora do comum. São uns rati-nhos mansos, durante o dia. De modo que... todas as coisas sendo iguais... eu afirmar que é esse relógio que me acorda de noite, pode perfeitamente vir a ficar provado como uma falsa hipótese. *(Ele vai ao aparador, enche um copo d'água de um jarro, leva o copo pra Ruth.)* Toma; bebe que você vai gostar.

RUTH

Que é isso?

LENNY

Água. *(Ela pega o copo, prova um pouco d'água, deixa o copo numa mesinha junto da cadeira em que está.)* Não é engraçado? Eu de pijama e você toda vestida? *(Vai ao aparador e enche outro copo d'água.)* Se importa se eu bebo um pouco? É muito gozado ver de novo meu irmão, depois de tantos anos. Exatamente a espécie de tônico de que meu pai estava precisando, sabe? Ele vai cair das nuvens amanhã de manhã, quando vir na sua frente o primogênito. Eu também me surpreendi quando vi Teddy, você sabe. O velho Ted. Pensei que ele estava na América.

RUTH

Estamos visitando a Europa.

LENNY

O que, todos dois?

RUTH

É.

LENNY

Ah, você, mais ou menos, vive com ele lá, não é assim?

RUTH

Nós somos casados.

LENNY

Visitando a Europa, hein? Viu muita coisa?

RUTH

Estamos chegando da Itália.

LENNY

Oh, vocês foram primeiro à Itália, é? E aí ele trouxe você aqui pra conhecer a família, foi? Bem, o velho vai ficar contente de te conhecer, você vai ver.

RUTH

Que bom!

LENNY

Que foi que você disse?

RUTH

Que bom! *(Pausa.)*

LENNY

Onde é que você foi na Itália?

RUTH

Veneza.

LENNY

Não! A velha e querida Veneza? É? Coisa engraçada. Eu tenho um pressentimento que se fosse soldado na última guerra — quero dizer, na campanha italiana — eu ia acabar batendo lá em Veneza. É um sentimento que eu tenho comigo. O problema é que eu era jovem demais pro serviço militar, sabe como é. Eu era menino, além disso muito franzino, senão, aqui na minha mirabolante idéia, acho que ia acabar dando em Veneza. Claro, é uma coisa quase garantida que eu ia acabar passando lá com meu batalhão. Se importa se eu segurar tua mão?

RUTH

Por quê?

LENNY

Só pra sentir. *(Se levanta e vai até ela.)* Só um agrado.

RUTH

Por quê? *(Ele olha para baixo em direção a ela.)*

LENNY

Eu te digo por quê. *(Pausa ligeira.)* Uma noite, não faz muito tempo, uma noite, no cais do porto, eu estava sozinho em baixo de uma arcada, olhando os homens naquele movimento todo dos navios, tira e bota coisas pra dentro e pra fora, quando uma determinada senhora chegou perto de mim e me fez uma determinada proposta. Esta dita senhora há dias me procurava pra um determinado fim. Mas tinha perdido a pista do meu paradeiro.

Contudo, o fato é que afinal as nossas linhas se cruzaram e ela então aproveitou o ensejo para a determinada proposta. Bem, a proposta em questão estava perfeitamente em ordem e normalmente eu teria concordado em executá-la. Não sei se fui claro — eu teria concordado com a proposta na rotina normal dos acontecimentos. Mas sucede que a tal senhora estava caindo de podre. De modo que eu me recusei. Aí a senhora em questão se tornou muito insistente e começou a tomar liberdades comigo aproveitando a meia escuridão da arcada. Liberdades essas que, sob nenhuma hipótese, ninguém admitiria que eu fosse obrigado a tolerar, as coisas sendo como eram e aí eu acertei um nela que nem te conto. Aliás, minha intenção na hora era acabar de uma vez com ela, sabe, matá-la, e a verdade é que, as coisas sendo como são, eu não ia ter nenhuma dificuldade em matar a mulher, não ia ser nada demais. O chofer da mulher, que é quem havia me localizado pra ela, tinha entrado num botequim da esquina pra tomar um negócio, o que acabava de deixar eu e a senhora sozinhos, você vê, ali embaixo da arcada, olhando os vapores todos soltando vapor, sem ninguém por perto, tudo tranqüilo na Frente Ocidental, ela ali em pé, encostada no muro, quer dizer, em pé, escorregando muro abaixo, porque o soco que eu dei tinha arriado ela. Bem, pra resumir, estava tudo a meu favor, prum assassinato. Não precisa me lembrar do chofer, porque ele nunca ia dizer nada. Era um velho amigo da família. Mas no fim eu pensei que . . . Ahnnnn! Por que me meter numa chateação enorme? . . . você sabe, dar sumiço no cadáver e tudo isso, mais aquele estado de suspense em que se fica. Mandei mais um direto no nariz dela, acertei uns dois no estômago e resolvi deixar pra lá.

RUTH

Como é que você sabia que ela estava doente?

LENNY

Como é que eu sabia? *(Pausa.)* Eu decidi que estava. *(Silêncio.)* Você e meu irmão são recém-casados, não é?

RUTH

Estamos casados há seis anos.

LENNY

Foi sempre o meu irmão preferido, o velho Teddy, sabia? Você pode acreditar. Nós todos aqui temos o maior orgulho dele. Doutor em filosofia e esse negócio todo . . . um troço que impressiona. Naturalmente é um homem muito sensível, não é? Quantas vezes eu invejei a sensibilidade dele.

RUTH

Verdade?

LENNY

Invejei mesmo. Quantas e quantas vezes. Quer dizer, não estou dizendo que eu não sou sensível. Sou. Mas bem que podia ser um pouquinho mais, é isso.

RUTH

Podia?

LENNY

Podia. Só um pouquinho mais, podia. *(Pausa.)* Por exemplo, sou muito sensível à atmosfera, mas tenho uma tendência a dessensibilizar, se é assim que se diz, quando

começam a me obrigar a fazer coisas sem sentido. Quer ver? No Natal passado eu tinha decidido ajudar o município na limpeza da neve, porque aqui na Europa a neve foi um bocado pesada o ano passado. Eu não era obrigado a limpar coisa nenhuma — quero dizer, não estava com nenhum problema sério de dinheiro — mas aquilo me solicitava, solicitava alguma coisa dentro de mim. Na verdade eu antecipava o prazer das picadas de vento gelado no levantar da madrugada. E estava antecipando bem; metia minhas botas pra neve e ficava parado numa esquina às cinco e meia da manhã esperando a viatura pra me levar ao local de trabalho. Frio de morte. Bem, chegava a viatura, eu saltava no estribo traseiro, o carro mergulhava os faróis na neve, e lá íamos nós. Parávamos lá, saltávamos com a pá já levantada, metíamos os peitos e toca pra frente, até aqui na neve de dezembro, horas antes do primeiro galo cantar. Bem, certa manhã, estou eu tomando uma xícara de chá num café ali perto, a pá assim de lado, encostada na cadeira, veio uma velha e me pediu se eu podia lhe dar uma mãozinha pra mudar de lugar a máquina de secar roupa. Aquele rolo, sabe? Me contou que o cunhado dela tinha deixado a máquina pra ela, mas tinha deixado num lugar ruim, no quarto da frente. Bem, como naturalmente no quarto da frente não interessava pra ela, ela queria no quarto dos fundos. O cara tinha dado pra ela de presente sabe o quê, né, uma máquina, aquele rolo antigo de espremer roupa lavada. Mas tinha deixado no quarto errado, tinha deixado no quarto da frente, se via logo que era um lugar imbecil pra deixar uma máquina assim, não podia ficar lá. Por isso eu resolvi perder um tempinho pra dar uma força à velha. Ela morava na estrada mesmo, um pouco mais em cima. Agora, sabe, o diabo foi quando eu che-

guei lá e não consegui nem tirar a máquina do lugar. Acho que pesava uma meia tonelada. Como é que aquele cunhado dela conseguiu botar o troço lá, pra começo de conversa, isso foi um negócio que eu não consegui nem imaginar. Mas o fato é que lá estava eu, num corpo a corpo feroz com a desgraçada da máquina, arriscando até uma hérnia e a velha só olhando, gesticulando e etcetera, mas sem levantar um dedo pra me dar uma força. Foi por isso que depois de alguns minutos eu virei pra ela e disse: olha aqui, minha senhora, por que a senhora não pega esse seu rolo e enfia no cu, hein? Além disso, eu argumentei, é uma máquina que não se usa mais, a senhora tem que comprar uma centrífuga. Na verdade eu tinha a firme intenção de dar um picadeiro na velha, mostrar a ela onde é que dói a anatomia; mas, ao mesmo tempo, estava tão satisfeito com o trabalho na neve que me contentei em lhe dar um *jab* curto no baixo ventre. Saltei num ônibus que ia passando e me mandei. Desculpa, deixa eu tirar esse cinzeiro que está lhe incomodando.

RUTH

Não está me incomodando!

LENNY

Está atrapalhando o teu copo. O copo ia caindo. Ou o cinzeiro. Um dos dois. Mas estou preocupado é com o tapete. Quer dizer, eu não, papai. Ele é obcecado com arrumação e limpeza. Detesta esculhambação. De modo que, vendo que você neste momento não fuma, vou tirar o cinzeiro daí — se você não se importa. (*Faz o que diz.*) Deixa eu te livrar desse copo também.

RUTH

Ainda não bebi tudo.

LENNY

Já bebeu bastante, na minha opinião.

RUTH

Não bebi, não.

LENNY

Mais do que o suficiente, na minha opinião.

RUTH

Mas não na minha, Leonardo. *(Pausa.)*

LENNY

Não me chama assim, por favor.

RUTH

Por que não?

LENNY

Esse é o nome que minha mãe me botou. *(Pausa.)* Me dá esse copo.

RUTH

Não. *(Pausa.)*

LENNY

Então, eu mesmo pego.

RUTH

Experimenta pegar o copo que... eu pego você. *(Pausa.)*

LENNY

Que tal você me deixar pegar o copo sem tentar me pegar?

RUTH

Que tal eu te pegar e esquecer o copo? *(Pausa.)*

LENNY

Você está brincando. *(Pausa.)* Seja lá o que for, você gosta de outro homem. Você tem uma ligação secreta com outro homem. A família dele nem sabe. E aí vem você pra cá sem uma palavra de aviso e já começa a arranjar encrenca. *(Ela pega o copo e o levanta na direção dele.)*

RUTH

Toma um gole. Vai. Toma um gole do meu copo. *(Ele está rígido.)* Senta no meu colo. Bebe um gole bem comprido. *(Ela dá uma palmadinha no colo. Pausa. Ela se levanta, avança pra ele com o copo.)* Põe a cabeça pra trás e abre a boca.

LENNY

Tira esse copo da minha frente.

RUTH

Deita no chão. Anda. Eu enfio devagarzinho na tua garganta.

LENNY

O que é que você está fazendo, está me fazendo uma proposta? *(Ela ri brevemente, esvazia o copo.)*

RUTH

Hummm, com que sede eu estava! *(Sorri para ele, larga o copo, vai ao hall, sobe a escada. Ele a segue até a escada e grita pra cima.)*

LENNY

O que é que foi isso, hein? Foi uma proposta? *(Silêncio. Ele volta à sala, pega o próprio copo, bebe todo o conteúdo. Uma porta bate lá em cima. A luz do patamar de cima se acende. Max desce a escada de pijama e usando o quepe. Entra na sala.)*

MAX

O que é que está acontecendo por aqui? Você está bêbado? *(Olha firme para Lenny.)* Por que é que você está gritando? Ficou maluco? *(Lenny enche outro copo d'água.)* Relinchando e dando coices por aí, no meio da noite. Você está doido varrido.

LENNY

Eu estava pensando alto.

MAX

Era Joey que estava aqui? Você estava gritando com ele?

LENNY

O senhor não ouviu o que eu disse, papai? Eu disse que estava pensando alto.

MAX

Estava pensando tão alto que me tirou da cama.

LENNY

Olha, me diz uma coisa, por que é que você não desencarna logo, hein?

MAX

Desencarna logo, é? Sim, senhor, me acorda no meio da noite, eu penso que tem ladrão na casa, já vejo ele com uma fâca enterrada nas costas, desço até aqui preocupado, e ele quer saber por que é que eu não desencarno logo. *(Lenny se senta.)* Com alguém ele estava falando. Com quem poderia ser? Estão todos dormindo. Mas ele estava conversando com alguém. Não vai me dizer quem é. Prefere dizer que estava pensando alto. O que é que você está fazendo, escondendo alguém?

LENNY

Sei lá. Eu sou sonâmbulo. Vai embora e me deixa em paz, tá? Me faz esse favor!

MAX

Eu exijo uma resposta, tá entendendo? Lhe perguntei se você está escondendo alguém aqui. *(Pausa.)*

LENNY

Vou lhe dizer uma coisa, papai, já que o senhor está com a veia pra conversa fiada, quero lhe perguntar um negócio. Um negócio que há muito tempo eu estou pra lhe perguntar. Naquela noite... vou lhe explicar que noite... na noite em que você me fez... aquela noite com a velha, como é que foi, hein? Quando eu era apenas um brilho safado no teu olhar, hein? Como é que foi? O ambiente geral da coisa, digo, isto é, o porquê da minha confecção. Por exemplo, é fato que o tempo todo o senhor tinha intenção de me fazer, ou isso era a última coisa que lhe passava pela cabeça? *(Pausa.)* Estou lhe perguntando só por espírito de investigação. O senhor compreende isso, não compreende? Curiosidade. B há uma porção de gente da minha idade que tem essa

mesma curiosidade, sabia disso, papai? Vivem ruminando isso, algumas vezes sozinhos, enrustidos, algumas vezes em grupos — como é que aquela noite foi *exatamente* — a noite em que foram feitos à imagem e semelhança daquelas duas pessoas no ato. É um assunto de que eu já devia ter tratado antes — erro meu — mas como aconteceu esse encontro agora assim de noite e o tempo está aí mesmo à nossa frente, eu resolvi ver como é que o senhor descalça a bota. *(Pausa.)*

MAX

Eu te afogo no teu próprio sangue.

LENNY

Se o senhor prefere responder por escrito, não faço objeção. *(Max fica de pé.)* Eu devia ter perguntado à minha querida mãe. Por que não perguntei à minha querida mãe? Agora é tarde. Ela já passou pro outro lado. *(Max cospe nele. Lenny olha pra baixo, pro tapete.)* Mas olha só o que você fez. Amanhã de manhã eu vou ter que me dedetizar. *(Max se volta e sobe a escada. Lenny fica parado.)*

(Blecaute.

As luzes se acendem.

Manhã. Joey em frente do espelho. Está fazendo exercícios lentos de flexão. Para. Penteia o cabelo cuidadosamente. Aí passa a fazer sombra, pesadamente, observando-se no espelho. Max desce, vindo da esquerda alta. Tanto Max quanto Joey estão vestidos. Max observa Joey, em silêncio. Joey para com a sombra, pega um jornal e se senta. Silêncio.)

MAX

Detesto esta sala. *(Pausa.)* Eu gosto é da cozinha. É bom lá. Aconchegante. *(Pausa.)* Mas lá eu não posso ficar. Sabe por quê? Ele está sempre lavando aquilo, raspando os pratos, me botando pra fora, é por isso.

JOEY

Por que não traz o seu chá praqui?

MAX

Porque eu não quero. Detesto isso aqui. Quero tomar meu chá, lá. *(Vai ao hall e olha pra dentro da cozinha.)* Mas o que é que ele está fazendo aí? *(Volta.)* Que horas são?

JOEY

Seis e meia.

MAX

Seis e meia. *(Pausa.)* Vou ver o jogo de futebol de tarde. Quer vir comigo? *(Pausa.)* Estou falando contigo.

JOEY

Tenho treino hoje de tarde. Vou fazer seis rounds com o Crioulo.

MAX

Mas antes das cinco? Tem tempo pra ir ver o jogo antes. É o primeiro jogo da rodada.

JOEY

Não, não vou, não.

MAX

Por quê? *(Pausa. Max vai até o hall.)* Sam! Vem cá!

SAM
O quê?

MAX
O que é que você está fazendo aí?

SAM
Lavando a cozinha.

MAX
E que mais?

SAM
Limpendo os restos que você deixou.

MAX
Botando os restos no lixo, é?

SAM
Adivinhou!

MAX
O que é que você está querendo provar?

SAM
Eu? Nada, ué!

MAX
Está sim, como é que não está? Você fica danado porque tem que preparar meu café da manhã, não é isso? Vai dizer que não! É por isso que depois fica aí dentro, abrindo e fechando, bang, bang, raspando a frigideira,

raspando tudo quanto é resto pra dentro da lata de lixo, raspando os pratos, raspando até o chá de dentro do bule... Eu sei por que é que você faz isso toda porcaria de manhã. Eu sei. Escuta aqui, Sam. Quero te dizer uma coisa. Do fundo do coração. *(Se aproxima mais.)* Quero que você se livre desses ressentimentos que tem para comigo. Eu gostaria de saber a causa, compreende? Honestamente, me diz, alguma vez na vida te dei algum motivo? Nunca. Quando papai morreu ele me disse, Max, toma conta dos teus irmãos. Foi assim mesmo que ele me disse.

SAM
Como é que ele podia ter dito isso estando morto?

MAX
O quê?

SAM
Como é que ele podia falar se estava morto? *(Pausa.)*

MAX
Foi antes de morrer, Sam. Um pouquinho antes. Suas últimas palavras. Palavras sagradas, *Samzinho*. Um segundo depois de ter pronunciado essas palavras... aí sim, estava morto. Acha que estou brincando? Você pensa que o que papai disse — no seu leito de morte — eu não vou obedecer até a última palavra? Tá ouvindo isso, Joey? Ele não tem respeito por coisa nenhuma. É capaz de cuspir na memória de nosso pai. Que espécie de filho foi você, seu maricas? Vivía o tempo todo fazendo palavras cruzadas! Levávamos você pro açougue e nem varrer a serragem do chão você varria.

Mas quando MacGregor passou a freqüentar o açougue, no fim de uma semana sabia dirigir tudo sozinho. Bem, vou te dizer uma coisa. Respeito meu pai, não só como homem, mas também como o açougueiro número um. E posso provar isso porque sempre acompanhei ele no açougue. Aprendi a serrar uma carcaça sentado no colo dele. Comemorei com sangue o nome dele. E dei ao mundo três homens de verdade. Fiz isso sozinho. O que é que você fez? *(Pausa.)* Me diz, o que é que você fez? *(Pausa.)* Fruta!

SAM

Você quer terminar a limpeza? Toma, o pano está aqui.

MAX

Por isso você tem que procurar se livrar dos teus ressentimentos comigo. Sam, afinal de contas, somos irmãos.

SAM

Você quer o esfregão? Taqui, toma. *(Teddy e Ruth descem a escada. Atravessam o hall e param dentro da sala. Os outros se voltam e olham para eles. Joey se levanta. Ambos estão de roupão. Silêncio. Teddy sorri.)*

TEDDY

Olá, papai, como vai? Dormimos demais. *(Pausa.)* O que é que tem aí pra se comer? *(Silêncio, Teddy morde os nós dos dedos.)* Hummmm! Dormimos demais! *(Max se vira para Sam.)*

MAX

Você sabia que ele estava aqui?

SAM

Não. *(Max se vira para Joey.)*

MAX

Você sabia que ele estava aqui? *(Pausa.)* Eu perguntei se você sabia que estava aqui?

JOEY

Não.

MAX

Então, quem sabia? *(Pausa.)* Quem sabia? *(Pausa.)* Eu não sabia.

TEDDY

Eu ia descer antes, papai, eu já... estar aqui, quando o senhor descesse. *(Pausa.)* Como vai o senhor? *(Pausa.)* Uh... olha, quero lhe apresentar...

MAX

Há quanto tempo você está nesta casa?

TEDDY

A noite toda.

MAX

A noite toda? Quer dizer que eu sou um palhaço? Como é que você entrou?

TEDDY

Com a minha chave. *(Max assobia e ri.)*

MAX

O que é que é isso aí?

TEDDY

Eu estava tentando lhe apresentar.

MAX

Quem lhe deu permissão de trazer vacas cá pra dentro?

TEDDY

Vacas?

MAX

Quem lhe deu licença de botar vacas sujas nesta casa?

TEDDY

Olha aqui, não seja ridículo e . . .

MAX

Você passou aqui a noite toda?

TEDDY

Passei. Chegamos de Veneza . . .

MAX

Quer dizer que essa porcaria nojenta esteve na minha casa a noite toda! A minha casa abrigou essa porca sífilítica e bichada a noite toda.

TEDDY

Pára com isso! Que é que você está dizendo?

MAX

Há seis anos que eu não vejo o puto, ele chega sem uma palavra, apanha uma vaca nojenta na rua e instala ela em minha própria casa.

TEDDY

Ela é minha mulher! Nós somos casados! *(Pausa.)*

MAX

Eu nunca tive uma puta embaixo deste teto, antes. Desde que tua mãe morreu. Palavra de honra. *(Para Joey)* Algum dia você viu alguma puta aqui dentro? Mas esses que vêm da América, vêm trazendo a privada com eles. Vêm trazendo o urinol com eles. *(Para Teddy)* Tira essa pústula de perto de mim. Tira isso daqui de perto de mim.

TEDDY

Ela é minha mulher!

MAX *(para Joey)*

Bota os dois lá fora. *(Pausa.)* Um doutor em filosofia. Sam, quer conhecer um doutor em filosofia? *(Para Joey)* Eu disse, bota os dois lá fora. *(Pausa.)* O que é que há? Tá surdo?

JOEY

Você está muito velho. *(Para Teddy)* Ele está muito velho.

(Lenny entra de roupão. Pára. Todos olham em volta. Max se vira, atinge Joey no estômago, com toda força. Joey se contorce, cambaleia pelo palco. Max, com o esforço do golpe, começa a cair. Seus joelhos se dobram. Ele se agarra violentamente à bengala. Sam vai em direção dele para ajudá-lo. Max acerta-lhe a cabeça

com a bengala. Sam se senta, a cabeça nas mãos. Joey, as mãos apertando o estômago, cai aos pés de Ruth. Ela olha pra ele. Lenny e Teddy estão parados, rígidos. Lentamente Joey se levanta. Está perto de Ruth. Se volta, olha para Max. Sam aperta a cabeça. Max respira pesadamente, e, aos poucos, se levanta. Joey se dirige para ele. Os dois se olham. Silêncio. Max passa por Joey, se dirige para Ruth. Agita a bengala.)

MAX

Menina! (Ruth caminha para ele.)

RUTH

Sim? (Max olha para ela.)

MAX

Você é mãe?

RUTH

Sou.

MAX

Quantos você tem?

RUTH

Três.

MAX (se vira para Teddy)

Todos teus, Teddy? (Pausa.) Teddy, por que não me dá um abraço apertado e um beijo, hein? Como antiga-

mente, Teddy? Que tal um abraço bem apertado e um beijo, meu Teddy, hein?

TEDDY

Vamos lá, então. (Pausa.)

MAX

Você vai mesmo dar um beijo no teu velho pai? Vai dar um abraço no teu velho?

TEDDY

Vamos lá, patrão. (Teddy avança um passo em direção a ele.) Vamos lá. (Pausa.)

MAX

Você ainda gosta do teu velho pai, gosta? (Os dois se defrontam.)

TEDDY

Anda, papai. Manda esse abraço. (Max começa a rir em gorgolhões. Vira-se para os outros.)

MAX

Ele ainda gosta do pai dele!

ATO II

(Tarde.

Max, Teddy, Lenny e Sam estão no palco acendendo charutos. Joey vem da esquerda aita com uma bandeja de café, seguido de Ruth. Descansa a bandeja em algum lugar. Ruth serve café para todos. Senta-se, segurando a xícara. Max sorri para ela.)

RUTH

Almoço excelente!

MAX

Fico muito contente que você tenha gostado. *(Pros outros)* Vocês ouviram isso? *(Para Ruth)* De uma coisa você pode estar certa — pus corpo e alma nesse almoço. *(Bebe.)* O café também está divino.

RUTH

Agora quem fica contente sou eu. *(Pausa.)*

MAX

Alguma coisa me diz que você é uma cozinheira de mão cheia.

RUTH

Não sou má, não.

MAX

Alguma coisa me diz que você é a rainha das cozinheiras. Que é que você me diz, Teddy?

TEDDY

É, ela cozinha muito bem. *(Pausa.)*

MAX

Puxa, há muito tempo a família não se reunia toda assim. Ah, se a mãe de vocês estivesse viva. Hein, o que é que você diz, Sam? O que é que Jessie diria se estivesse viva? Sentada aqui com os três filhos. Três bonitões, homens feitos todos. E essa belezoca de nora. Jessie estaria aí mimando eles, estragando eles, você não acha. Sam? Ah, na certa ela estava aí beijando, arrumando, brincando, contando histórias pra eles — e fazendo cosquinha neles, como ela gostava — ah, ela ia ficar histérica vendo eles aí, assim. *(Para Ruth)* Tudo que esses meninos sabem foi ela quem ensinou. Ensinou a eles toda a virtude que eles possuem. Estou lhe dizendo. Cada vírgula do código moral pelo qual eles vivem lhes foi ensinada pela mãe. Ela botava o coração em tudo que fazia. Que coração, hein, Sam? Mas estou aqui chovendo no molhado. Todos vocês sabem melhor do que eu que ela era a espinha dorsal desta família. É claro, eu dava duro, eu trabalhava vinte e quatro horas por dia no açougue, virava o país de cima para baixo pra comprar uma carne melhor, abria meu caminho no mundo a soco e pontapé, mas em casa eu deixava uma mulher de vontade de ferro, coração de ouro e cabeça. Cabeça. Era ou não era, Sam? *(Pausa.)* Que cabeça! *(Pausa.)* Uma coisa; eu sempre fui muito generoso pra ela. Nunca a deixei de bolso vazio. Uns trocados ela sempre tinha. Me lembro de um ano quando

entrei em negociações com um grupo de açougueiros de primeira, caras importantes com ramificações no continente. Eu ia me associar a eles. Me lembro que essa noite, quando cheguei em casa, fiquei de bico calado. Antes de tudo peguei Lenny e dei um banho nele, depois dei banho em Teddy, depois dei banho em Joey. Como a gente se divertia no banheiro, hein, meninos? Depois desci até aqui, fiz Jessie descansar os pés no pufe — o que é que aconteceu com aquele pufe? Há anos que não vejo — ela descansou os pés no pufe e eu disse pra ela, Jessie, acho que desta vez nós acertamos na mosca, de modo que vou te prometer uma coisa, vou te comprar um bonito vestido de seda azul-clara, incrustado de pérolas naturais e, pro uso diário, umas calças de tafetá com flores. E depois servi pra ela um gole de xerez. Me lembro que aí os rapazes desceram todos de pijama, todos com o cabelo brilhando, bem penteados, cada um com o rosto mais corado do que o outro, nenhum deles fazia a barba ainda, e todos se ajoelharam junto de nós, de mim e de Jessie. Estou lhes contando — parecia noite de Natal. *(Pausa.)*

RUTH

E o que é que aconteceu com o grupo de açougueiros?

MAX

O grupo? Acabou se revelando um bando de criminosos como todo mundo. *(Pausa.)* Charuto fedorento. *(Apaga-o apertando-o contra alguma coisa. Volta-se para Sam.)* A que horas você vai trabalhar?

SAM

Daque pouco.

MAX

Você tem um serviço hoje de tarde, não tem?

SAM

Eu sei.

MAX

Que é que você quer dizer com esse tom de eu sei? Vai chegar tarde. Quer perder o emprego? Está procurando o que, me humilhar?

SAM

Não se preocupe comigo.

MAX

Me faz subir bôlis à boca. Bôlis — tá me entendendo? *(Para Ruth)* Trabalhei como açougueiro a vida inteira, ali no cepo e no machado, no cepo, sabe o que é, não, pois é, no cepo e no machado! Pra manter o luxo da família. Duas famílias! Minha mãe vivia na cama, era entrevada, meus irmãos eram todos paralíticos. Eu tinha que ganhar o dinheiro pros psiquiatras mais importantes! Eu tinha que ler livros! Tinha que estudar a doença, estar pronto para enfrentar qualquer emergência. Uma família de aleijados! Três filhos da puta, uma puta escrota como esposa — e não me vem falar das dores do parto — quem sofria as dores era eu, ainda sinto as pontadas, basta tossir um pouco que as costas me arrebatam — e aqui continuo no mesmo, tendo à frente o vagabundo desse meu irmão, um veado preguiçoso, incapaz sequer de chegar no trabalho à hora certa. O melhor chofer do mundo. Passou a vida inteira sentadinho no volante, desmunihecando delicados gestos automobilísticos.

Você chama isso de trabalho? Esse cara não distingue uma caixa de mudança do próprio olho do cu.

SAM

Por que você não pergunta aos meus clientes? Eu sou o único que eles chamam.

MAX

O que é que os outros choferes fazem, dormem o dia todo?

SAM

Eu só posso guiar um carro cada vez. Não posso servir todos ao mesmo tempo. O que sobra, os outros pegam.

MAX

Pode servir todos ao mesmo tempo, sim, senhor. Você fica de quatro na ponte Black Friar por qualquer meio dólar.

SAM

Eu, é?

MAX

Por qualquer dinheirinho trocado e um pacote de bombons, você fica.

SAM

Você está querendo me insultar! Está insultando o irmão, é o prazer dele. Agora mesmo vou levar um passageiro a Hampton Court. Sabe quanto? Quatro libras e meia.

MAX

Você sabe quem sabia guiar mesmo de verdade? MacGregor! MacGregor sim, esse era um volante!

SAM

Está brincando. *(Max aponta a bengala para Sam.)*

MAX

Ele nem lutou na guerra. Esse daí nem lutou na porra da guerra.

SAM

Lutei sim, senhor.

MAX

Quem foi que você matou? *(Silêncio. Sam se levanta, vai até Ruth, aperta a mão dela e sai pela porta da frente. Max se volta para Teddy.)* Bem, como é que você vai indo, meu filho?

TEDDY

Vou indo muito bem, papai.

MAX

É bom você estar de novo aqui conosco, meu filho.

TEDDY

Foi muito bom voltar, papai. *(Pausa.)*

MAX

Você devia ter me comunicado o seu casamento, Teddy. Eu teria mandado um presente. Onde é que você se casou, na América?

TEDDY

Não. Aqui. Um dia antes de embarcarmos.

MAX

E como é que foi a festa, bonita?

TEDDY

Não. Não tinha ninguém.

MAX

Mas você é doido. Eu te preparava um festão! Botava aqui dentro a nata da nata, você ia ver. E o meu maior prazer, sabe qual era? Pagar tudo. Palavra de honra. *(Pausa.)*

TEDDY

O senhor estava muito ocupado naquela ocasião. Eu não quis incomodar.

MAX

Mas você é carne da minha carne. Sangue do meu sangue. Meu primogênito. Eu largava tudo. Sam levava vocês no Humber até a igreja, Lenny era o padrinho. E depois íamos todos juntos pro cais do porto ao teu botafora. Me diz uma coisa, você não acha que eu sou contra o casamento, acha? Não seja bobo, hein? *(Para Ruth)* Eu vivo dizendo aos dois menores para arranjam uma garota bem feminina, simpática, com boas referências naturalmente — isso é que faz a vida valer a pena. *(Para Teddy)* Seja como for, que diferença faz, você casou, tá casado, escolheu maravilhosamente, está com uma família maravilhosa, uma carreira maravilhosa... vamos lá, Teddy, o que passou, passou. *(Pausa.)* Vocês percebem

o que eu quero dizer? Quero que saibam que tem a minha aprovação, a minha bênção.

TEDDY

Muito obrigado.

MAX

Não tem de quê. Neste momento quantas outras casas do bairro podem se orgulhar de ter dentro delas um doutor em filosofia, tranqüilamente sentado, tomando o seu cafezinho? *(Pausa.)*

RUTH

Estou certa de que Teddy se sente imensamente feliz... por saber que o senhor está satisfeito comigo. *(Pausa.)* Acho que ele estava muito preocupado com a sua aprovação, se eu lhe agradava ou não.

MAX

Mas você é uma mulher encantadora. *(Pausa.)*

RUTH

Eu era...

MAX

O quê? *(Pausa.)* O que é que ela disse?

(Todos olham para Ruth.)

RUTH

Eu era... diferente... quando conheci Teddy... antes.

TEDDY

Não era nada. Era a mesma.

RUTH

Não, era diferente.

MAX

Ninguém está ligando pra isso. Olha, vivo no presente, o que é que está te preocupando? Quero dizer, você não deve esquecer nunca que a terra tem cinco milhões de anos de idade. No mínimo. Alguém pode se dar ao luxo de viver no passado? *(Pausa.)*

TEDDY

O senhor não sabe quanto ela me ajuda na América. É uma esposa e uma mãe maravilhosa. Uma mulher muito popular. Temos muitos amigos. Levamos uma boa vida, na universidade... o senhor sabe... é uma vida muito boa mesmo. Temos uma bela casa... com tudo... temos tudo que precisamos. O meio em que vivemos é muito estimulante. *(Pausa.)* O departamento em que eu trabalho tem tido muito sucesso, tem aparecido muito. *(Pausa.)* Temos três meninos, o senhor sabe.

MAX

Todos homens? Mas, não é engraçado? Você três, eu três. Você tem três sobrinhos, Joey. Joey! Você é titio, sabia? Podia ensinar boxe aos meninos, hein?

JOEY (para Ruth)

Eu sou boxeador. De noite, depois do trabalho. De dia trabalho em demolição.

RUTH

Hummm!

JOEY

Quando eu conseguir mais lutas, largo o trabalho, fico *full time* no boxe.

MAX (para Lenny)

Viu com que facilidade ele fala com a cunhada! Reparou? É porque ela é uma mulher inteligente e simpática. (Se curva pra ela.) Eh, me diz, como é que é com os meninos — eles não sentem falta da mãe deles?

TEDDY

Claro que sim. Adoram a mãe. Mas nós voltamos logo. (Pausa.)

LENNY (para Teddy)

Teu charuto apagou.

TEDDY

É mesmo.

LENNY

Quer fogo?

TEDDY

Não, não. (Pausa.) O teu também.

LENNY

Ah, é. (Pausa.) E você, Teddy, quase não falou nada sobre o teu doutorado em filosofia. O que é que você ensina?

TEDDY

Filosofia.

LENNY

Então eu quero te perguntar uma coisa. Você não encontra uma certa incoerência lógica nas afirmações centrais do teísmo cristão?

TEDDY

Essa questão não faz parte da minha especialidade.

LENNY

Ah, então encara a coisa assim... você não se importa d'eu lhe fazer umas perguntas, se importa?

TEDDY

Se forem da minha especialidade.

LENNY

Bem, vê o meu ponto de vista. Como é que o desconhecido pode merecer veneração? Em outras palavras, como se pode venerar uma coisa que se desconhece? Ao mesmo tempo seria ridículo admitir que uma coisa que conhecemos merece veneração. O que conhecemos merece qualquer outra espécie de coisa, mas é evidente à razão mais simples que a veneração não está entre essas coisas. Em outras palavras, tirando o conhecido e o desconhecido, o que é que existe mais? (Pausa.)

TEDDY

Receio muito que eu não seja a pessoa indicada pra te responder.

LENNY

Mas você é um filósofo. Vamos, seja franco. Como é que decide esse negócio de ser e de não ser?

TEDDY

Como é que eu decido?

LENNY

Sim, por exemplo, tomemos uma mesa. Estou falando filosoficamente. O que é uma mesa?

TEDDY

Uma mesa.

LENNY

Ah, você quer dizer nada mais do que uma mesa. Bem, muita gente invejaria essa tua certeza, não é mesmo, Joey? Por exemplo, eu tenho uma turma de amigos e conhecidos e nós nos sentamos sempre aí no Ritz pra tomar uns drinques. Eles estão sempre discutindo essas coisas, você sabe, coisas assim; tomemos uma mesa, por exemplo, você toma essa mesa, etcétera e daí. Muito bem, eu digo então, toma-se uma mesa. Mas, uma vez tomada a mesa, o que é que se faz com ela? Uma vez que você botou a mesa embaixo do braço, onde é que você vai com ela?

MAX

Talvez o melhor seja vender.

LENNY

Não daria nada.

JOEY

Partir e usar como lenha pro fogão. *(Lenny olha pra ele e ri.)*

RUTH

O melhor é não ter certeza. Você esqueceu alguma coisa. Olha pra mim. Eu... mexo a minha perna. É tudo. Mas eu uso roupa de baixo... que se mexe comigo... Ela... captura a tua atenção. Talvez você interprete mal. A ação é simples. É uma perna... mexendo. Meus lábios se mexem. Por que você não restringe sua observação a isso? Talvez o fato de que eles se mexam seja mais significativo... do que as palavras que passam através deles. Você tem que ter essa... possibilidade... em mente. *(Silêncio. Teddy se levanta.)* Eu nasci aqui pertinho. *(Pausa.)* Depois... há seis anos atrás fui pra América. *(Pausa.)* É tudo rocha. E areia. Se perde na distância... para qualquer lado que se olha. E tem também muito inseto lá. *(Pausa.)* E lá tem também muito inseto. *(Silêncio. Ela está rígida. Max fica de pé.)*

MAX

Bem, tá na hora de ir pra academia. Hora do teu treino, Joey.

LENNY *(levantando-se)*

Vou com você. *(Joey, sentado, olha pra Ruth.)*

MAX

Joey. *(Joey se levanta. Os três saem. Teddy senta perto de Ruth, segura a mão dela. Ela sorri pra ele. Pausa.)*

TEDDY

Acho que já está na hora de voltarmos. Hummm?
(Pausa.) Vamos pra casa?

RUTH

Por quê?

TEDDY

Bem, nós não íamos ficar muito tempo mesmo, só uns dias, não foi isso que combinamos? Uns dias ou um dia, tanto faz... podemos reduzir o tempo, acho.

RUTH

Por quê? Não está gostando daqui?

TEDDY

Claro que estou. Mas preferia voltar logo pra perto dos meninos. (Pausa.)

RUTH

Você não gosta da tua família?

TEDDY

Que família?

RUTH

Essa aqui.

TEDDY

Claro que gosto. De que é que você está falando?
(Pausa.)

RUTH

Mas não gosta tanto quanto pensava.

TEDDY

Claro que gosto. É evidente que gosto. Não entendo o que você está dizendo. (Pausa.) Escuta, você sabe que horas são lá agora, não sabe?

RUTH

O quê?

TEDDY

É de manhã. Mais ou menos onze horas da manhã.

RUTH

Ah, é?

TEDDY

É. Seis horas de diferença pra menos lá... ou pra mais aqui, conforme o ponto de vista. Os meninos estão na piscina agora... nadando. Já pensou? Aqueia manhã bonita de lá? Sol. Temos que ir embora mesmo, hummm? Lá é tão limpo!

RUTH

Limpo.

TEDDY

Não é?

RUTH

E aqui é sujo?

TEDDY

Não, claro que não. Mas lá é mais limpo. *(Pausa.)* Olha, eu te trouxe aqui para conhecer a família, não foi? Já conheceu, podemos voltar. Daqui a pouco começam as aulas de outono.

RUTH

Você acha sujo aqui?

TEDDY

Eu não disse que achava nada sujo. *(Pausa.)* Eu não disse isso. *(Pausa.)* Olha, vou subir e arrumar as malas. Descansa um pouco. Está bem? Eles só devem voltar daqui a uma hora. Você pode dormir um pouco. Descansar. Por favor. *(Ela o olha.)* Você pode me ajudar a preparar as aulas, quando chegarmos lá. Eu gostaria tanto. Você não sabe como eu me sentiria grato por isso. Podemos tomar banho de piscina todo dia, até outubro. Você sabe disso. Aqui não tem lugar nenhum pra se tomar banho, a não ser na piscina do posto de gasolina. Mas sabe a sensação que aquilo me dá? De mictório. Um mictório imundo. *(Pausa.)* Você gostou de Veneza, não gostou? Uma maravilha, não é não? Você passou uma boa semana. Quero dizer... eu te levei lá. Eu sei falar italiano.

RUTH

Mas se eu tivesse sido enfermeira na campanha da Itália podia ter conhecido Veneza muito antes. *(Pausa.)*

TEDDY

Descansa um pouco. Vou arrumar as malas. *(Teddy sobe a escada. Ela fecha os olhos. Lenny entra da esquerda alta. Entra na sala e senta perto dela. Ela abre os olhos. Silêncio.)*

LENNY

É, os dias estão encurtando.

RUTH

É mesmo, já está ficando escuro. *(Pausa.)*

LENNY

Daqui a pouco o inverno está aí. É tempo de renovar o guarda-roupa. *(Pausa.)*

RUTH

É bom fazer isso.

LENNY

O quê? *(Pausa.)*

RUTH

Eu sempre... *(Pausa.)* Você gosta de roupas?

LENNY

Gosto. Gosto muito de roupas. *(Pausa.)*

RUTH

Eu gosto de... *(Pausa.)* O que é que você acha do meu sapato?

LENNY

Muito bonito.

RUTH

Não, eu não consigo encontrar o que eu quero, lá.

LENNY

Não consegue encontrar o que quer lá, é?

RUTH

Não... lá não se encontra. *(Pausa.)* Eu era modelo antes de ir embora.

LENNY

Chapéus? *(Pausa.)* Uma vez comprei um chapéu pruma garota. Vimos o chapéu numa caixa de plástico transparente dentro da vitrine. Vou lhe dizer como é que era. Tinha um ramo de narcisos em cima, uma fita de cetim preto, era todo coberto com um véu de cetim preto. Vou te contar. A garota parecia feita pro chapéu.

RUTH

Não... Eu era modelo vivo. Modelo fotográfico... vivo.

LENNY

Trabalho de estúdio?

RUTH

Isso foi antes d'eu ter... meus filhos todos. *(Pausa.)* Não, nem sempre estúdio. *(Pausa.)* Uma vez ou duas fomos prum lugar aí no campo, de trem. Umás cinco ou seis vezes. Costumávamos passar por uma caixa d'água de concreto, branca, muito alta. O lugar... a casa... era muito grande... as árvores... tinha um lago, percebe... trocávamos de roupa e descíamos pro lago... tinha um caminho... de pedras... é, um caminho com pedras. Ah, espera; quando mudamos de roupa na casa, tomamos um drinque. E havia um bufê frio. *(Pausa.)* Algumas vezes ficávamos dentro de casa... mas sempre descíamos até o lago e posávamos lá. *(Pausa.)* Eu fui lá pouco antes de ir pra América. Fui a pé da estação até o portão da casa, depois subi o caminho cheio de plantas.

Tinha luzes acesas... eu fiquei parada no meio do caminho... a casa era bem visível. *(Teddy desce com as malas. Descansa as malas, olha pra Lenny.)*

TEDDY

O que é que você andou contando pra ela? *(Aproxima-se de Ruth.)* Olha o teu casaco. *(Lenny vai até a vitrola e põe um disco de jazz lento.)*

RUTH

Ah, boa idéia.

LENNY *(para Ruth)*

Que tal uma dança antes de ir embora?

TEDDY

Não, já vamos.

LENNY

Uma só.

TEDDY

Não, já vamos.

LENNY

Uma dança só, com o cunhado dela, antes de ir embora. *(Se curva para ela.)* Madame? *(Ruth se levanta. Os dois dançam, vagorosamente. Teddy fica de pé, com o casaco de Ruth. Max e Joey entram pela porta da frente. Ficam de pé. Lenny beija Ruth. Os dois estão de pé; se beijam.)*

JOEY

Meu Deus, ela se abriu toda, papai, olha só. *(Pausa.)* Ela é uma puta. *(Pausa.)* O velho Lenny pegou uma puta

aqui. *(Joey se aproxima deles. Pega no braço de Ruth. Sorri para Lenny. Senta com Ruth no sofá, abraça e beija ela. Olha para Lenny.)* Achei no meu quintal! *(Se curva sobre ela até que ela fica embaixo dele. Beija-a. Olha para Teddy e Max.)* Isso aqui é muito melhor do que massagem. *(Lenny senta no braço da poltrona. Alisa o cabelo de Ruth, enquanto Joey a abraça. Max avança; olha as malas.)*

MAX

Você vai embora. Teddy? Já? *(Pausa.)* E quando é que você volta. hein? Olha. na próxima vez que vier, não esqueça de avisar se vem casado ou não. Teremos sempre o maior prazer em conhecer tua mulher. Sinceramente. Estou te dizendo. *(Joey está com todo o peso do corpo sobre Ruth. Estão quase parados. Lenny acaricia o cabelo dela.)* Pensa que eu não sei por que você não me comunicou teu casamento? Sei muito bem. Teve vergonha. Achou que eu ia me aborrecer porque se casou com uma mulher de condição inferior à nossa. Você devia me conhecer melhor. Eu sou aberto. Eu sou um camarada aberto, Teddy. *(Se curva para olhar a cara de Ruth embaixo de Joey, volta de novo para Teddy.)* Fica tranqüilo. é uma moça encantadora. Uma bela mulher! E uma mãe. também. Mãe de três filhos. Você fez dela uma mulher realizada. É uma coisa de que você deve se orgulhar. Acho que me entende — estamos falando de uma mulher de qualidade. Estamos falando de uma mulher de sensibilidade. *(Joey e Ruth rolam do sofá para o chão. Joey a segura com força. Lenny se movimenta, fica um pouco acima deles. Olha para baixo, observando-os. Toca em Ruth com o pé, delicadamente. Ruth, subitamente, empurra Joey para longe dela. Levanta-se. Joey se levanta também, encara-a.)*

RUTH

Eu gostaria de comer alguma coisa. *(Para Lenny)* Quer me dar um drinque? Tem alguma coisa que se beba?

LENNY

Claro que tem.

RUTH

Quer me dar um drinque. então?

LENNY

O que, por exemplo?

RUTH

Uísque.

LENNY

Uísque tem. *(Pausa.)*

RUTH

Então me dá. *(Lenny vai ao aparador, pega uma garrafa e copos, Joey se aproxima dela.)* Desliga essa vitrola. *(Joey olha para ela, desliga a vitrola.)* Eu queria comer alguma coisa! *(Pausa.)*

JOEY

Eu não sei cozinhar. *(Apontando para Max)* O cozinheiro é ele. *(Lenny traz um copo de uísque para ela.)*

LENNY

Quer soda?

RUTH

Que copo é esse? Não agüento beber nesse copo. Você não tem um tumbler aí?

LENNY

Tem sim.

RUTH

Então me dá um. *(Ele pega o copo, derrama o uísque num tumbler, traz de volta para ela.)*

LENNY

On the rocks? Puro? Straight?

RUTH

On the rocks? Puro? Straight? Você entende muito de uísque? (Bebe, Lenny olha em volta, para os outros.)

LENNY

Todo mundo bebe? *(Vai ao aparador e serve em alguns copos. Joe; se aproxima de Ruth.)*

JOEY

O que é que você quer comer? *(Ruth anda em volta da sala.)*

RUTH *(para Teddy)*

A tua família leu os teus trabalhos de crítica?

MAX

Está aí uma coisa que eu nunca fiz. Nunca li um trabalho dele.

TEDDY

O senhor não ia entender. *(Lenny distribui drinques.)*

JOEY

Que espécie de comida você quer? Eu não sou o cozinheiro, tou avisando.

LENNY

Soda, Ted? Ou ao natural?

TEDDY

O senhor não ia entender os meus trabalhos. Não teria a mais longínqua idéia de que é que se trata. Não saberia apreciar os pontos de referência. O senhor é muito atrasado. Aliás, todos aqui. Não tem nenhum sentido eu mandar os meus trabalhos pra vocês lerem. Vocês ficariam perdidos. Não tem nada a ver com a questão de inteligência. É um modo de ser — de ser capaz de encarar o mundo. É uma questão de quanto se é capaz de atuar ou deixar de atuar sobre as coisas. Quero dizer que é uma questão de capacidade de aliar as duas, relacionar as duas, equilibrar... as duas. Ver, ser capaz de ver! Eu sou o capaz de ver. É por isso que posso escrever ensaios críticos. Talvez fizesse bem a vocês... dar uma olhada nesses trabalhos... ver como certas pessoas encaram... as coisas... como certas pessoas são capazes de manter... o equilíbrio intelectual. Equilíbrio intelectual. Vocês são apenas objetos. Vocês apenas... se mexem. Posso observar isso. Posso ver com exatidão o que vocês fazem. É o mesmo que eu faço. Mas acontece que vocês estão perdidos... nisso. E não vão conseguir que eu... eu não vou me perder.

(Blecaute.)

As luzes se acendem. Noite. Teddy está sentado, de casaco, as malas perto dele.

Sam. Pausa.)

SAM

Você se lembra de MacGregor, Teddy?

TEDDY

Mac?

SAM

É

TEDDY

Claro que lembro.

SAM

O que é que você achava dele? Você ia com ele?

TEDDY

Ia. Gostava dele. Por quê? *(Pausa.)*

SAM

Você sabe que você sempre foi meu sobrinho favorito. Sempre. *(Pausa.)* Quando você escreveu da América, fiquei muito comovido, sabe? Pois é: você tinha escrito pro teu pai, várias vezes, mas nunca tinha escrito pra mim. Por isso quando eu recebi a tua carta... bem, fiquei muito comovido. Sabe que eu nunca disse nada a ele? Nunca disse que tinha recebido notícias tuas. *(Pausa. Num sussurro)* Teddy, posso te falar uma coisa? Você sempre foi o favorito de tua mãe. Ela me dizia. E era verdade. Você sempre foi... sempre foi o objeto principal de todo o carinho dela. *(Pausa.)* Por que você não fica uma semana mais, hein? Podíamos nos divertir um pouco, rir um pouco. *(Lenny entra pela porta da frente.)*

LENNY

Ainda está aí, Teddy? Vai chegar atrasado pra aula inaugural. *(Vai até ao aparador, abre-o, olha dentro, pra esquerda e pra direita, fica de pé.)* Onde é que está minha panqueca? *(Pausa.)* Alguém comeu a minha panqueca. Guardei aqui. *(Para Sam)* Foi você quem roubou?

TEDDY

Fui eu que comi tua panqueca, Lenny! *(Silêncio. Sam olha os dois, pega o chapéu e sai pela porta da frente. Silêncio.)*

LENNY

Você comeu minha panqueca de queijo?

TEDDY

Foi.

LENNY

Eu mesmo fiz essa panqueca. Eu cortei, botei manteiga, descasquei um pedaço de queijo e meti dentro, em fatias fininhas. Depois de pronta, guardei no aparador. Fiz isso tudo antes de sair. Agora volto e você comeu.

TEDDY

Pois é, e o que é que você vai fazer agora?

LENNY

Estou esperando que você peça desculpa.

TEDDY

Mas, eu fiz de propósito, Lenny!

LENNY

Você quer dizer que não tropeçou nela por acaso?

TEDDY

Não; eu vi quando você a colocou ali. Eu estava com fome, comi. (Pausa.)

LENNY

É audacioso e descarado. (Pausa.) O que levou você a ficar tão... vingativo contra teu próprio irmão? Estou... perplexo. (Pausa.) Bem, Ted, pode-se dizer que agora estamos perto da verdade nua e crua, não é assim? Aquele negócio, você sabe — cartas na mesa. Quero dizer com isso que atingimos aquele ponto em que não há volta, em que nada pode deixar de ser feito ou dito. Ou existe outra maneira de se interpretar? Aproveitar o momento em que teu irmão mais novo saiu para fazer um biscate e roubar a panqueca de queijo que ele fez especialmente, isso não é equívoco, isso é inequívoco. (Pausa.) E com Joey, como é? Acho que você não ia resistir, acho que não ia não, hein, se a xícara de chá de Joey estivesse aí na tua frente? Você enchia ela de açúcar ou não enchia? Uma piada. Você sabe que ele não toma chá com açúcar. Afinal de contas, Joey é o nosso capitão. Você tem que ser legal. Tudo somado e contado com o benjamim da família. Já imaginou ele chegando aí, depois de dez rounds cravados, vai tomar um chá de um chá bem merecido e o que é que descobrem? Que encheram o chá com a porra de um açúcar? É a pergunta; onde é que está a justiça nisso? É legal? (Pausa.) Sabe de uma coisa, eu diria que você ficou um pouco mais carrancudo nesses seis anos. Um pouco mais carrancudo, é. Um pouco pra dentro. Menos generoso

é engraçado, porque eu achava que nos Estados Unidos da América, quer dizer, com o sol e tudo, os espaços livres, o espírito da universidade, você, na sua posição, ensinando, conferencista, no centro de toda a vida intelectual de lá, o velho espírito da universidade, toda aquela onda social, aquilo tudo, tão estimulante, os teus meninos todos e isso tudo, você se divertindo à beσσα e além disso as piscinas, os ônibus Greyhound e tudo o mais, toneladas de água bem gelada, todo o conforto daqueles shorts bermuda e aquilo tudo no velho espírito da universidade, a qualquer hora do dia e da noite você podendo chegar e pedir um gim holandês, hein, eu tinha certeza de que você devia estar muito mais, não muito menos, generoso. Porque você precisa saber que é um padrão pra nós, Teddy. A tua família olha lá pra cima onde você está, rapaz, você não sabe pra que, sabe? Pra fazer o melhor que pode a fim de seguir o teu exemplo. Porque você é a fonte principal do nosso orgulho. Foi por isso que ficamos tão contentes de ver você voltar, de te dar as boas vindas quando você voltou ao teu... lar. Foi por isso. (Pausa.) E agora você também é um chefe de família, com três garotos lindos — olha, isso realmente é a fita azul, bota o selo ouro no negócio. Viu como é que o velho ficou orgulhoso, não viu? Papai agora está inchado de orgulho, sabe, não sabe, pois é, agora, porque descobriu que é avô. É o que se pode chamar de imensurável. O velho anda um pouco caído, já não é tão moço quanto foi um dia, mas o pensamento de três guris corados correndo pra ele, e chamando de vovô provavelmente foi o maior prazer que lhe deram antes de morrer. É provável até que isso o mate. (Pausa.) Agora escuta aqui, Ted, não é o caso que estamos vivendo aqui uma vida menos rica do que a que você vive

lá. Vivemos uma vida mais fechada. Todos ocupados naturalmente. Joey ocupado com o boxe. eu ocupado com a minha ocupação, papai ainda joga uma partidinha de pôquer de vez em quando, sem falar na comida. que é ele que faz, no mesmo padrão de sempre. e o tio Sam é o melhor chofer da firma. Apesar dessas diferenças todas, formamos uma unidade sólida, Teddy. E você é parte integral dessa unidade. Quando sentamos de noite no quintal e ficamos lá batendo um papo ao ar livre, tem sempre uma cadeira vazia na roda, cadeira que é de fato a tua. E assim, quando depois de muito tempo você volta, o que nós esperamos é uma fagulha da graça, um pouco de *je ne sais quois*, um pouco de generosidade intelectual, um pouco de liberalidade de espírito, para nos reasssegurar. É isso que nós esperamos. Mas é isso que recebemos? Recebemos isso? Foi isso que você nos deu? (Pausa.)

TEDDY

Foi. (Joey desce a escada e entra na sala com um jornal.)

LENNY (para Joey)

Como é que foi o negócio lá?

JOEY

Ah, não foi mal.

LENNY

O que é que você quer dizer? (Pausa.) O que é que você quer dizer?

JOEY

Que não foi mal.

LENNY

E eu quero saber o que é que você quer dizer com — não foi mal.

JOEY

O que é que você tem com isso?

LENNY

Joey, conta tudo pro seu irmãozinho.

JOEY

Eu não consegui acabar.

LENNY

Não consegui acabar? (Pausa. Com ênfase) Você não conseguiu acabar? Mas ficou duas horas com ela lá em cima.

JOEY

E daí?

LENNY

Depois de duas horas lá em cima com ela você não conseguiu acabar?

JOEY

E o que é que tem isso?

LENNY (se aproxima dele)

O que é que você está me dizendo?

JOEY

Dizendo o quê?

LENNY

Você está querendo me dizer que ela não funciona? *(Pausa.)* Como é que é o tipo, diz; faz que dá, mas não dá? É dessas? Fala com teu irmãozinho. *(Pausa.)* Que é que você diz disso, Teddy? Tua mulher se revelou uma negação. Joey ficou com ela lá em cima duas horas e não conseguiu chegar até o fim.

JOEY

Eu não disse que foi isso.

LENNY

Você está brincando? Conheço o tipo! Suga tudo e não dá nada em troca.

TEDDY

Joey talvez não tenha experiência.

LENNY

Joey não tem experiência? Não seja bobo. Já comeu mais mulher do que você bolacha. É irresistível. Pertence a uma minoria privilegiada. Conta pra ele como é que foi com aquele broto que você comeu. Joey.

JOEY

Que broto?

LENNY

Aquele último! Quando nós távamos com a Alfa...

JOEY

Oh, aquele... sim... bom, nós távamos no carro de Lenny uma noite da semana passada.

LENNY

Na Alfa Romeo.

JOEY

Pois é... lá íamos nós... dando uma incerta na noite.

LENNY

Ali em cima, perto do hotel.

JOEY

Um pouco adiante do hotel, é.

LENNY

Estávamos fazendo um pequeno controle da zona em questão, North Paddington, você sabe.

JOEY

E aí... era bem tarde, não era, não?

LENNY

É, bem tarde. Vai, conta. *(Pausa.)*

JOEY

E foi então que vimos... junto ao meio fio, o tal carro estacionado, com duas garotas bem boas lá dentro.

LENNY

E os respectivos.

JOEY

É, mas o importante eram as duas pistoleiras. Então... *(Pausa.)* O que é que nós fizemos?

LENNY

Paramos o carro e saltamos.

JOEY

Ah, foi... saltamos... e com toda delicadeza... intimamos os dois caras... os dois acompanhantes... a andar... o que eles fizeram logo... e nós aí... tiramos as pequenas de dentro do carro...

LENNY

Mas não levamos elas pro hotel, não, senhor.

JOEY

Ah, não. Pro hotel nunca. Lá a polícia teria nos pego... não vê logo? Arrastamos o gado prum local bombardeado.

LENNY

Tudo cascalho, sabe? Pois foi ali mesmo, no cascalho.

JOEY

É mesmo. Cascalho paca. *(Pausa.)* E aí... sabe como é... nós papamos elas.

LENNY

Você pulou o pedaço melhor. Poxa, ele pulou o melhor pedaço.

JOEY

Que pedaço?

LENNY *(para Teddy)*

O broto se virou pra ele e disse: "Eu não me importo, eu dou, mas preciso de uma coisa... de uma proteção.

Preciso de uma proteção anticoncepcional". "E você acha que eu ando com esses troços no bolso", o velho Joey respondeu. "Nesse caso o papo furou", disse o broto, "sem isso eu não vou." "Olha aqui, menina" — o Joey respondeu então — "o que eu vou fazer com você já é anticoncepcional." *(Lenny ri.)* Até o broto que estava comigo caiu na gargalhada quando ouviu essa do Joey. Verdade, até ela morreu de rir. Isso pra te mostrar que o nosso velho irmãozinho não é de parar no meio, não, quando mete uma primeira, ele vai em frente. Não vai dizer o contrário. E de repente ele fica duas horas lá em cima com a tua mulher e não consegue acabar. Olha, Ted, pra mim tua mulher é uma rameira frígida, ninguém me tira da cabeça. Diz a verdade, Joey. Você ficou satisfeito? Não vai me dizer que ficou satisfeito, sem chegar até o fim. *(Pausa.)*

JOEY

Poxa, eu já cheguei até o fim tantas vezes... tem ocasiões que a gente fica satisfeito... sem ir até o fim. Muitas vezes... a gente fica perfeitamente satisfeito... sem acabar. Fica. *(Lenny olha pra ele. Max e Sam entram pela porta da frente.)*

MAX

Onde é que está essa puta? Na cama ainda? Vai nos transformar a todos em verdadeiros animais.

LENNY

A mulherzinha é da negaça.

MAX

O quê?

LENNY

Consegui dominar Joey e deixou ele no hora-veja.

MAX

Como é que é?

LENNY

Ficou com Joey lá em cima duas horas e não deixou ele gozar. *(Pausa.)*

MAX

O meu Joey? Ela fez isso com o meu Joey? *(Pausa.)* Fez isso com o meu caçula? Tch, tch, tch, tch, tch, tch. Como é que você está se sentindo, meu filhinho? Você está bem?

JOEY

Claro que estou.

MAX *(para Teddy)*

Ela faz isso com você também?

TEDDY

Não.

LENNY

Ele conhece o caminho. Vai até o tutano.

JOEY

Vai nada. *(Pausa.)*

SAM

Teddy é marido dela! Ruth é mulher dele, diante da lei e dos homens.

JOEY

Não vai coisa nenhuma! Também não chega até o fim. Eu tou dizendo. Estou dizendo pra vocês todos, e mato o primeiro que disser o contrário.

MAX

Joey... por que é que você está tão transtornado? *(Para Lenny)* É porque ficou frustrado. Você vê o que aconteceu?

JOEY

Quem ficou o quê?

MAX

Joey, ninguém está contra você. Pelo contrário, todos achamos que você tem razão. *(Pausa. Max se volta para os outros.)* Quer saber de uma coisa? Talvez não seja má idéia ter uma mulher em casa. Talvez seja uma boa coisa. Quem sabe? Quem sabe a gente devia ficar com ela. *(Pausa.)* Podíamos perguntar se ela quer ficar. *(Pausa.)*

TEDDY

Receio que não, papai. Ela não está bem, e temos que voltar pra casa. As crianças...

MAX

Não está bem? Mas eu já lhe disse que estou acostumado a tratar de gente que não está bem. Deixa comigo, não se preocupe. Acho que devíamos ficar com ela. *(Pausa.)*

SAM

Não seja imbecil.

MAX
Quem é imbecil?

SAM
Está falando besteira.

MAX
Eu?

SAM
Ela tem três filhos.

MAX
Pois pode ter mais! Aqui. Já que é tão fogosa.

TEDDY
Ela não quer mais nenhum.

MAX
O que é que você sabe das querências dela, hein. Ted?

TEDDY (*sorrindo*)
O melhor pra ela é voltar pra casa comigo, papai. Realmente é. Nós somos casados, você sabe. (*Max anda em volta da sala, estala os dedos.*)

MAX
Naturalmente, temos que pagar alguma coisa a ela. Vocês percebem isso? Não podemos deixá-la andando por aí sem uns trocados. Terá que receber uma pequena mesada.

JOEY
Claro que temos que pagar. Não se pode deixar uma mu-

lher andando por aí sem uns níqueis pra comprar um par de meias. (*Pausa.*)

LENNY
E de onde é que vai sair o dinheiro?

MAX
Bem, quanto é que ela vale? Você acha que chega a seis algarismos? O que ela vale, digo?

LENNY
Eu lhe perguntei de onde é que vai sair o dinheiro! Vai ser mais uma boca pra alimentar. Mais um corpo pra vestir. Morou?

JOEY
As roupas eu compro.

LENNY
Com quê?

JOEY
Economizo uma parte do ordenado.

MAX
É isso. Passamos o pires e o problema está resolvido. Ela terá a sua mesada. Somos todos adultos, temos senso de responsabilidade. Cada um de nós põe uma contribuição no pires. É democrático!

LENNY
Mas há um pequeno *quid* nessa questão, meu pai. (*Pausa.*) Quero dizer, ela não é uma mulher habituada a andar vestida com roupas de segunda mão. Está acos-

tumada à última moda. Vocês não iam querer ela andando por aí vestida com roupas que não a mostrassem na sua melhor forma, falei bem?

MAX

Lenny, você se importa que eu faça um pequeno comentário? Que, aliás, não pretende ser um comentário crítico. Acho que você está se concentrando excessivamente nas considerações de caráter econômico. Mas, há outras considerações. Há as considerações humanas. Compreende o que eu quero dizer? Há as considerações humanas. Não se esqueça disso.

LENNY

Não me esqueço.

MAX

Pois não se esqueça. *(Pausa.)* Escuta, acho que temos capacidade para tratá-la, pelo menos aproximadamente, da maneira a que ela está acostumada. Afinal, não é uma mulher da rua. é minha nora.

JOEY

Isso é verdade.

MAX

Pois, então, aqui estamos nós, não é mesmo? Joey dá uma parte, Sam dá outra . . . *(Sam olha pra ele.)* Eu boto algum da minha aposentadoria, Lenny também descava algum. E estamos rindo. E você, Teddy? Quanto é que você põe no bolo?

TEDDY

Eu não ponho nada em bolo nenhum.

MAX

O quê? Você não vai ajudar a sustentar sua própria mulher? E eu pensando que ele era meu filho. Que porca-lhão escroto. Tua mãe morria de desgosto se ouvisse você tomar uma atitude dessas.

LENNY

Hei, papai. *(Lenny avança.)* Tive uma idéia melhor.

MAX

Qual?

LENNY

Não há necessidade da gente arcar com essa despesa toda. Eu conheço essas mulheres. Quando se soltam arruinam qualquer orçamento. Tenho uma idéia melhor. Por que não levo ela comigo pra rua do Grego? *(Pausa.)*

MAX

Quer dizer, botar ela na jogada? *(Pausa.)* É. Botamos ela na jogada! Sabe que é um golpe de gênio, uma idéia maravilhosa? Ela ganha o seu próprio dinheiro — deitada de costas.

LENNY

Isso.

MAX

Formidável. Só que não podem ser muitas horas. Não quero ela fora de casa a noite inteira.

LENNY

Ah, não. Eu limito o horário.

MAX

Quantas horas?

LENNY

Quatro horas por noite.

MAX (*duvidando*)

Você acha que chega?

LENNY

Ô, vai fazer uma boa nota! Quatro horas toda noite!

MAX

Bem, você deve saber. O que é preciso ficar bem claro é que a última coisa que qualquer um de nós deseja é esgotar a menina. Ela também vai ter obrigações domésticas. Então, botamos ela na rua do Grego?

LENNY

Não tem que ser exatamente nessa rua, papai. Tenho uma porção de apartamentos ali em volta.

MAX

Você tem? Mas, então, e eu? Por que não me dá um?

LENNY

Você está brocha, papai.

JOEY

Hei, espera um instante, eu fui consultado?

MAX

Deixa disso, Joey, Lenny sabe o que está fazendo. Lenny

está propondo uma maneira dela pagar as próprias despesas. Que é que você acha, Teddy? Isso resolve nossos problemas todos.

JOEY

Hei, espera aí, não quero repartir ela com ninguém.

MAX

Que é que você disse?

JOEY

Não quero dividir ela com uma porção de vagabundos!

MAX

Vagabundos! A arrogância do bofe! Que arrogância. (*Para Lenny*) Você vai oferecer a moça a vagabundos?

LENNY

A minha clientela é da maior distinção, Joey. Gente mais distinta do que você jamais será na tua vida.

MAX

Portanto, você devia dar graças a Deus de nós te incluirmos.

JOEY

Eu não pensei que ia ter que repartir ela.

MAX

Pois é, mas tem. Do contrário, ela vai direto de volta pra América. Compreendeu? (*Pausa*) A coisa já é bastante complicada, não vem meter tua colher no meio. Pois tem um negócio que está me preocupando. Se, por

exemplo, ela não corresponder ao que esperamos. Hein? Teddy, você é o melhor juiz. Você acha que ela corresponde? *(Pausa. Para Teddy)* Vou falar claro, não te ofende, mas esse negócio de faz que dá, mas não dá, é a sério, ou como é que é? Já é um hábito? Porque, se é assim, não adianta nada. *(Pausa.)*

TEDDY

Nada disso. É a maneira dela... na cama. Gosta de brincar... acho que é só isso. Gosta muito de demorar... nos preparativos do ato.

MAX

Duas horas inteiras? Porra!

LENNY

Acho que não precisamos nos preocupar tanto com essa questão de demora, papai.

MAX

Como assim?

LENNY

Estou lhe dando a minha opinião profissional.

MAX

Ah, bom, se é assim. O mundo tem mudado. Talvez eu esteja ultrapassado. *(Lenny vai até Teddy.)*

LENNY

Olha, Teddy, você bem que podia nos ajudar, podia mesmo. Eu mandava uns cartões, pra você, na América... cartões diretos, alinhados, só com um nome, um telefone, muito discretos, bem, você pegava e distri-

buía... pra gente amiga que vai viajar, conhecer aqui o nosso Império Britânico. Naturalmente, você recebia a sua porcentagem.

MAX

É claro que você não precisa dizer a ninguém que ela é tua mulher.

LENNY

Chamamos ela de outra coisa qualquer. Dolores, ou coisa assim.

MAX

Ou Mariquita Espanhola.

LENNY

Não, a coisa tem que ser mais sofisticada, papai, estou pensando. Temos que botar nela um nome suave... como Cíntia... ou Rondiana. *(Pausa.)*

JOEY

Rondiana. *(Pausa.)*

LENNY

Mas, o que eu estava dizendo, Teddy, é que você deve conhecer uma porção de professores, diretores de departamentos, universitários ricos, gente assim. Quando eles vêm até aqui para passar uma semana no Savoy, naturalmente, querem dar uma boa metida. E quem estaria em posição melhor do que você para dar informações especiais, íntimas?

MAX

Claro, você pode dar detalhes... sabe, né, as coisas que ela gosta de fazer. Até onde ela pode se fazer a fantasia

e os caprichos dos clientes. Hein, Lenny? Até onde ela pode variar. Se você não sabe, quem é que vai saber? *(Pausa.)* Aposto com você que em menos de dois meses tem uma lista de gente esperando.

LENNY:

Você podia ser nosso representante nos Estados Unidos.

MAX

Naturalmente. Devemos pensar em escala internacional. Quando estivermos organizados, a Pan-American até nos dá desconto. *(Pausa.)*

TEDDY

Ela vai ficar velha... muito depressa!

MAX

Não... não nos dias de hoje, nesta época! Existe a assistência médica obrigatória! Velha! Por que iria ficar velha? Vai levar a vida que pediu a Deus.

(Ruth desce a escada vestida. Entra na sala. Sorri para o grupo, senta. Silêncio.)

TEDDY

Ruth... a família está convidando você pra ficar aqui, mais algum tempo. Como uma... como uma espécie de hóspede. Se você gosta da idéia eu não me importo. Organizamos tudo direitinho lá em casa, não vai haver nenhuma dificuldade... até você voltar.

RUTH

Que simpático da parte deles. *(Pausa.)*

MAX

É um convite feito de todo o coração.

RUTH

É muita bondade de vocês.

MAX

Ora... seria um prazer pra nós. *(Pausa.)*

RUTH

Mas eu ia dar muito trabalho.

MAX

Trabalho? Você não está falando sério. Que trabalho? Olha, vou te dizer uma coisa. Depois que a pobre Jessie morreu, hein, Sam, não teve mais mulher nenhuma nesta casa. Nem uma. Aqui dentro nem uma. E vou te dizer por quê. É que a memória da mãe deles era tão preciosa que qualquer outra mulher a teria... conspurcado. Mas você... Ruth... você não só é simpática e bonita, como é parenta. Você é nosso sangue, agora. Pertence à família. *(Pausa.)*

RUTH

Estou muito comovida.

MAX

Claro que você deve estar comovida. Eu estou. *(Pausa.)*

TEDDY

Mas, Ruth, preciso te dizer... que você vai ter que dar uma ajudazinha, se ficar. Digo financeiramente. A situação de papai não é lá muito brilhante, agora.

RUTH (para Max)

Ah, que pena!

MAX

Mas não é nada, Ruth. O que você teria que ajudar era uma coisa à toa. Só um dinheirinho de vez em quando. Coisa pouca. Bobagem. Só enquanto esperamos Joey entrar pro *ranking* do primeiro time de boxe, não demora. Quando Joey estiver no alto, bem... (Pausa.)

TEDDY

Ou pode voltar pra casa comigo.

LENNY

Te arranjamos um apartamento. (Pausa.)

RUTH

Um apartamento?

LENNY

É. Um apartamento.

RUTH

Onde?

LENNY

Na cidade. (Pausa.) Mas você vai morar conosco.

MAX

Claro que vai. O teu lugar é aqui. No seio da família.

LENNY

O apartamento lá, você ocupa só algumas horas durante a noite, só isso.

MAX

Apenas algumas horas, durante a noite, só isso. Só isso.

LENNY

Pra ganhar dinheiro necessário pra te manter aqui. (Pausa.)

RUTH

Quantos cômodos tem o tal apartamento?

LENNY

Poucos.

RUTH

Eu quero pelo menos dois quartos, uma sala e banheiro.

LENNY

Você não precisa de dois quartos, uma sala e banheiro.

MAX

Banheiro precisa.

LENNY

Mas, o resto, dois quartos e uma sala?

RUTH

Ah, preciso. Preciso mesmo.

LENNY

Um quarto e uma sala não dá?

RUTH

Não dá, não. *(Pausa.)* Eu quero um quarto de vestir, um living e um quarto de dormir. *(Pausa.)*

LENNY

Tá bem, eu te arranjo um apartamento com isso tudo.

RUTH

Com esses cômodos todos assim direitinho, mobiliado?

LENNY

Você vai ver.

RUTH

Uma empregada só para mim.

LENNY

Natural. *(Pausa.)* Em suma, nós te financiamos no começo e quando estiver estabelecida você nos paga em prestações.

RUTH

Ah, não, de maneira alguma — isso não.

LENNY

Mas como?

RUTH

Vocês teriam que aceitar todas as despesas iniciais como um investimento de capital. *(Pausa.)*

LENNY

Percebo. Tá certo.

RUTH

Fornecem também meu guarda-roupa, naturalmente.

LENNY

Fornecemos tudo. Tudo que você precisar.

RUTH

Hiii! Eu preciso de tanta coisa. E, se não tiver tudo o que preciso, eu não fico contente, não é mesmo?

LENNY

Vai ter tudo.

RUTH

Então eu vou ver tudo que preciso e faço um relatório para vocês assinarem na presença de testemunhas.

LENNY

Naturalmente.

RUTH

Todos os aspectos do acordo e as condições da minha manutenção e respectiva prestação de serviços terão que ficar bem claros no contrato, para nossa mútua satisfação.

LENNY

Mas é evidente. *(Pausa.)*

RUTH

Quer saber de uma coisa — é um acordo que pode funcionar muito bem.

LENNY
Eu acho.

MAX
E você fica com o dia todo livre, naturalmente. Se quisesse até podia cozinhar um pouco aqui pra nós. Se quisesse.

LENNY
Fazer as camas.

MAX
Limpar um pouco isso aí tudo que anda uma nojeira.

TEDDY
Fazer companhia a todos. *(Sam avança.)*

SAM *(de um jato)*
MacGregor comeu Jessie no banco de trás do táxi enquanto eu dirigia. *(Geme e cai. Fica inerte. Todos olham pra ele.)*

MAX
Mas o que é que ele está fazendo? Resolveu morrer?

LENNY
É.

MAX
Um cadáver? Um cadáver no meu chão? Botem ele pra fora! Limpem isso daqui. *(Joey se curva sobre Sam.)*

JOEY
Não está morto.

LENNY
Mas deu uma morrida, pelo menos uns trinta segundos.

MAX
Nem de morrer é capaz! *(Lenny olha Sam no chão.)*

LENNY
É sim, ainda respira.

MAX *(apontando para Sam)*
Sabe o que é que ele tinha?

LENNY
Tem.

MAX
Tem! Uma imaginação doente. *(Pausa.)*

RUTH
Acho a idéia realmente sedutora.

MAX
Você quer discutir os detalhes agora ou prefere deixar pra mais tarde?

RUTH
Não, não — mais tarde. *(Teddy se levanta, olha para Sam.)*

TEDDY
Eu ia pedir pra ele me levar ao aeroporto. *(Vai até as malas, levanta uma.)* Olha, Ruth, deixa a tua aí. Vou ter que ir a pé até o metrô.

MAX

Mas, não, se você for pro outro lado, a primeira à esquerda, a primeira à direita, não esquece, você encontra um táxi com facilidade.

TEDDY

Ah, então eu ando pra lá.

MAX

Ou, se preferir, pega o trem até Picadilly, não leva nem dez minutos. E daí então você vai de táxi até o aeroporto.

TEDDY

Taívez seja melhor assim.

MAX

Agora tem uma coisa, vão te cobrar bandeirada dupla. Vai ter que pagar o retorno. É fora do perímetro urbano.

TEDDY

Tá bem, não tem importância. Bom, então, adeus, papai. Te cuida, hein? *(Aperto de mãos.)*

MAX

Muito obrigado, meu filho. Olha, quero te dizer uma coisa. Foi fabuloso ver você de novo, sabe? *(Pausa.)*

TEDDY

É o que eu digo, papai. Foi fabuloso ver o senhor de novo.

MAX

Os teus meninos sabem alguma coisa a meu respeito.

hein? Será que eles iam gostar de ter uma fotografia do avô? Que é que você acha?

TEDDY

Puxa! *(Max tira a carteira.)*

MAX

Tenho uma aqui. Onde é que foi? Um minutinho. Ah, taqui ela. Será que os meninos vão gostar dessa?

TEDDY *(pega a foto)*

Vão vibrar. *(Vira-se para Lenny.)* Adeus, Lenny. *(Aperto de mão.)*

LENNY

Tá, tá, Ted. Foi bom ver você. Boa viagem.

TEDDY

By, by, Joey. *(Joey não se mexe.)*

JOEY

Tá, tá, Teddy. *(Teddy se dirige à porta da frente.)*

RUTH

Eddie. *(Teddy se volta.)* Não quero que você se torne um estranho.

(Teddy sai, fecha a porta da frente. Silêncio. Os três homens ficam de pé. Ruth se senta, à vontade, na cadeira. Sam continua no chão. Joey anda, lento, atravessando a sala. Ajoelha-se junto dela. Ela lhe toca a cabeça delicadamente.)

damente. Ele põe a cabeça no colo dela. Max começa a andar um pouco acima deles, pra trás e pra frente. Lenny está de pé, parado. Max se volta para Lenny.)

MAX

Estou muito velho, acho. *(Pausa.)* Ela acha que eu sou um velho. *(Pausa.)* Eu não sou tão velho. *(Pausa. Para Ruth)* Você acha que eu sou muito velho pra você? *(Pausa.)* Escuta aqui, você pensa que vai ficar com esse bonitão aí o tempo todo, é? Você acha que vai ficar só com ele... só com ele o tempo todo? Você vai ter que dar duro! Vai ter que pegar outros, tá entendendo? *(Pausa.)* Será que ela entendeu? *(Pausa.)* Lenny, você acha que ela entendeu bem... *(Começa a gaguejar.)* Onde é... que... que... que... nós... estamos? O que é... que... quuee... estão pensando? Você acha que ela entendeu beeeem claro? *(Pausa.)* Eu acho que não entendeu não. *(Pausa.)* Você entende o que eu estou dizendo? Tão me escutando, estou com a idéia de que ela vai fazer uma sujeira conosco, quanto querem apostar? Ela vai se servir, vai se servir de nós todos, quem avisa amigo é! Estou cheirando isso no ar. Querem apostar? *(Pausa.)* Ela não é... adaptável! *(Cai de joelhos, solta, começa a gemer, chora. Para de soluçar, engatinha, passa pelo corpo de Sam até atingir o outro lado da cadeira dela.)* Eu não sou um velho. *(Olha pra cima, pra ela.)* Está me escutando? *(Ergue o rosto pra ela.)* Me dá um beijo. *(Ela continua a acariciar a cabeça de Joey, bem de leve. Lenny continua de pé, observando.)*

CAIOPANO

APÊNDICE

PALAVRÕES E PALAVRINHAS

MILLÔR FERNANDES

Como pouca gente me conhece é preciso que eu me defina. Sou um escritor profissional. Um escritor profissional é aquele que vive do que escreve. Eu vivo do que escrevo desde os treze anos de idade. Portanto, quando alguém me acusa de uma desonestidade intelectual eu sou obrigado a me defender para que a minha clientela (o público que me paga) não me abandone. No caso presente fui acusado pelo jornal *O Globo* de ter feito poderosos enxertos na peça de Harold Pinter, *A Volta ao Lar*, a fim — acredito que seja essa a minha intenção — de torná-la mais *picante*. Ora, como não coloquei na rubrica da peça que se tratava de uma *tradução livre* ou de uma *adaptação*, a acusação passa a ser grave. Daí este artigo.

Continuo minha autodefinição. Do ponto de vista filosófico (valha a pretensão da palavra mas ela exprime mais do que uma posição política, abrange toda a atividade humana, no que me diz respeito) sou um radical-liberal. Defendo a extrema liberdade de cada um se expressar (e agir) como melhor entenda, isto é, até o limite da liberdade alheia. Em teatro, no momento, isto significa que defendo violentamente a linguagem (e tudo o mais) de *Dois Perdidos numa Noite Suja*, *Navalha na Carne*, *O Rei da Vela* e outras peças parecidas ou semelhantes e sou contra os excessos de *Roda-Viva* porque esta invade a liberdade do espectador, agarrando-o, sujando-o, ou ofendendo-o, individual e *levianamente*. (Na noite em que assisti à peça com um diretor de teatro meu amigo, este foi chamado de *boneca* e *mãdado àquela parte*. Ora, o diretor em questão

é reconhecivelmente másculo, tem uma definida e ativa posição política, é autor do espetáculo até hoje mais agredido pelas milícias no poder, e foi preso entre os "Oito do Glória". Portanto com uma folha de serviços "públicos" bem maior do que qualquer um dos que o ofendiam. Pergunta-se: onde é que está a graça?)

Porque respeito a liberdade dos outros mas sei muito bem até onde vai, uso toda a minha mas conheço também os seus limites. Se não declarei ter feito alterações na peça de Pinter tenho que me defender de *O Globo* que afirma, em sua primeira página: Harold Pinter, o autor da peça *A Volta ao Lar* que bateu vários recordes em matéria de palavras obscenas que apareciam na tradução brasileira, declara-se contrário à praxe de franquear o passe à linguagem obscena: — "Não estou de acordo com uma coisa, no que diz respeito ao sexo: esta atitude subjacente em muitas pessoas de *mentalidade liberal* de franquear o passe à linguagem obscena. (...) Usei esse tipo de palavras uma ou duas vezes em minhas peças. Mas não puderam passar pela censura."

Concluiu *O Globo*: Isso prova que a tradução brasileira recebeu numerosos e poderosos enxertos de palavras obscenas.

Ora, eu reconheço que seria muito exigir que um jornal com tantos afazeres como *O Globo* pegasse um especialista para que lesse o original de Pinter e o comparasse com a minha tradução. Em vista disso eu mesmo, neste artigo, faço a comparação, a bom mercado. Como, porém, essa comparação não pode ser total, dado o espaço, esclareço logo que *A Volta ao Lar* tem, liberalmente contadas, mais de cinquenta expressões ou palavras que os defensores da decência — eu não! — chamam de chulos. Entre elas *whore, crap, tease e arse* que, está na cara, não são vocábu-

los que se pronunciem tranqüilamente na presença da Rainha-Mãe. ("*Philip, watch your language, will you?*")

Porém o mais estranho na discussão sobre minha possível influência na peça é que, evidentemente, a violência da linguagem só existe por se encontrar num contexto igualmente violento. A retirada dos palavrões poderia tornar a peça menos autêntica mas não alegraria os profissionais da pudicícia tornando-a menos escabrosa.¹ Tire *O Globo* todos os palavrões desta peça e não terá tirado deia a cena básica em que a personagem principal se entrega ao cunhado meio-sobre-o-débil-mental na presença do marido intelectual, do cunhado proxeneta, do pai amoral (sempre apavorado pelo fantasma do homossexualismo que ronda a família), do tio que, ao que tudo indica, trabalha também no setor dos andróginos. Todos assistem tranqüilos à cena lúbrica, contentando-se apenas em fazer comentários técnicos sobre a atuação do casal erótico. A cena pode ser tétrica ou hilariante, dependendo dos atores e diretor, mas está muito além da *imoralidade* representada por qualquer palavrão.²

Além dessa cena a peça tem muitas palavras mais contundentes do que palavrões, dada a ocasião em que são usadas. É fácil exemplificar: "Pode chupar à vontade" dito por uma vovó a um neto diante de várias mangas-espada maduras é uma frase de simpático clima familiar rural. Porém a mesma frase numa peça de Plínio Marcos é, decididamente, um convite ao enfarte para o general Façanha. Não há, pois, que se horrorizar com o palavrão. Tudo é palavrão e nada é palavrão. Palavras e expressões tais como "tira, bota, mais, mexe, aí não, é muito grande, que coisa enorme, etc..." não são palavrões e, pelos critérios da censura, posso publicá-las livremente, que é o que estou fazendo. Se o leitor achou essas palavras indecentes é porque colo-

coisas num contexto de sua própria criação. A imoralidade é sua.³

Ao contrário, a expressão "filho da etc." pode ser usada como expressão de grande admiração e encanto ou de extraordinário carinho, como no caso famoso do grande craque inglês (equino!) glorioso na história do hipismo. É evidente que o dono não lhe pôs esse nome para ofendê-lo.

Mas fiquemos nos palavrões convencionais que, por ironia, em inglês são chamados de palavrinhas (*four letter words*), tais como *poke*, *tart*, *bang*, *crap* e *arse* (todos em Pinter). Aliás as palavras são tantas e a declaração de *O Globo* tão peremptória que eu cheguei a comprar uma outra edição da peça, pensando cá comigo: "Quem sabe foi publicada uma edição expurgada?" — uma dessas edições que um escritor faz "arrepêndido", depois de ser submetido a um *brain-washington* (como diria o Ibrahim). Tenho em mãos, neste momento, a edição inglesa de Methuen & Co. Ltd. e a edição americana da Grove Press. Para infelicidade de meus detratores as edições são quase literalmente iguais. Diferenças apenas de revisão.

Assim, baseando-me na edição da Grove Press (porque essa pode ser encontrada no Rio, para quem quiser me pegar em falso) dou a seguir algumas expressões da peça, no original, para educação e enaltecimento geral dos meus leitores. Esclareço apenas, para bem da verdade, que, sendo o ato de traduzir uma constante opção, pois é comum uma expressão de uma língua não ter o mesmo peso em outra, eu, em português, optei sempre pela expressão mais forte. Meu crime, se existe, é apenas o de não acreditar em frescuras lingüísticas.

Assim a expressão *Son of a bitch*, que pode ser traduzida por "Filho da mãe" (mais fraca do que em inglês) foi traduzida por *Filho Daquilo Que Vocês Todos Sabem* (mais forte do que em inglês).⁴

Vejam os, para não cansar muito, apenas algumas palavras e expressões do primeiro ato de *A Volta ao Lar*.

Max — *What you been doing, banging away at your lady customers, have you? (...) Been having a few crasfly reefs in a layby, have you?*

Aqui, Max, o patriarca da família, personagem principal da peça, sugere ironicamente que seu irmão mais moço (também velho a essa altura) tem relações sexuais com suas freguesas. A insinuação é extremamente irônica porque Max parte da suposição de que o irmão é impotente ou homossexual.

Max — *What do you want, you bitch? You spend all the day sitting on your arse at London Airport.*

Ainda Max se dirigindo ao irmão. Note-se a suprema ofensa de tratá-lo de *bitch*, que, além de significar prostituta (na peça vai a palavra verdadeira), é, ainda, palavra do gênero feminino. *Arse* é aquele ponto final da espinha dorsal de todos nós. Todos têm um. Faz parte da condição humana. A sabedoria popular brasileira diz, aliás, que, quem o tem, tem medo.

Sam — *He was a lousy stinking rotten loudmouth. A bastard uncouth sodding runt.*

Aqui o irmão Sam reage e diz o que pensa de MacGregor, veneração do irmão mais velho. Veja-se a saraivada de adjetivos (inclusive *bastard* usado como adjetivo) para qualificar dois substantivos (*runt* e *loudmouth*), já de per si bastante pejorativos.

— *One lot after the other. One mess after the other (...) One cast-iron bunch of crap after another. One flow of stinking pus after another.*

A frase termina com "uma golfada de pus fedorento atrás da outra". Sem querer traduzir o resto advirto que o velho Max, o patriarca, está aqui se referindo ao irmão e filhos.

— *Why don't you stuff this iron mangle up your arse?*

Há muitas palavras repetidas, naturalmente. Repito esta aqui apenas porque quem fala é o bonitão Lenny, filho proxeneta. A cena é edificante porque ele está contando à cunhada como a velhinha lhe pediu para mudar de lugar uma máquina pesadíssima e ele respondeu: "Ora, minha senhora, por que a senhora não pega essa máquina e enfia etc. etc.?" Note-se que ele conheceu a cunhada há apenas dois minutos.

Max — *Who asked you to bring dirt tarts into this house? (...) We've had a smelly scrubber in my house all night. We've had a stinking poxridden slut in my house all night. (...) I haven't seen the bitch for six years, he comes home (...) he brings a filthy scrubber off the street.*

Teddy — *Shés my wife! Wére married!*

Max — *I've never had a whore under this roof before. Ever since your mother died. (...) Have you ever had a whore here? Has Lenny ever had a whore here? They come back from America, they bring the slopbucket with them. They bring bedpan with them. Take that disease away from me.*

Julgue agora o leitor se eu, como tradutor, poderia ter melhorado essa cena em matéria de violência e grosseria. O filho, ausente há seis anos, voltou da América, não quis incomodar o pai, dormiu na casa com a mulher. Agora, de manhã, o velho Max vê o filho pródigo de volta, conhece a mulher dele. Que faz o nosso patriarca? Aos berros, indignado (sempre o complexo de ser passado pra trás), chama a jovem (de aparência extremamente agradável, ele-

gante, de boa posição social) de *prostituta*, logo de *prostituta suja*, logo de *porcaria nojenta*, e, sem poupar o filho, que chama de *bitch*, continua a repetir os palavrões para a hora, até a suprema ofensa de chamá-la de *lata de lixo* e *urinol* (a tradução literal seria "comadre"). E termina dizendo: "Tira essa pústula (*disease*) de perto de mim." No meio ainda encontra jeito de ofender a mulher morta: "Nunca houve uma prostituta debaixo deste teto. Desde que tua mãe morreu."

Aqui, leitor, termina o primeiro ato. As palavras usadas por Pinter se duplicam, naturalmente, no segundo ato. Os leitores interessados poderão comparar para verificar até onde minhas possíveis liberdades ultrapassam o plano da validade literária. Mas não adianta consultar dicionários. Em inglês, como em português, os dicionários continuam pudicos por princípio e atrasados por motivos técnicos. Se errei em alguma palavra, desde já me penitencio. Errar é uma tradição dos tradutores, tão antiga quanto São Jerônimo, que fez Moisés descer o Sinai com um magnífico par de chifres quando, na verdade, o patriarca bíblico tinha na frente dois raios de luz.

1. Para exprimir o ridículo da atual posição cultural dos nossos censores eu escrevi, há um mês, uma cena na qual dois homens estão trabalhando numa via férrea, pregando um enorme prego num dormente. De repente um erra e a marreta acerta em cheio na mão do outro. O outro se vira e diz: "Companheiro, por favor, doravante queira tomar mais cuidado com o trabalho senão acabarás me machucando seriamente".

2. Essa cena torna inacreditável as declarações de Pinter, sobretudo se considerarmos que ela foi interpretada pela atriz Vivien Merchant, mulher do autor.

3. Minha peça *Flávia, cabeça, tronco e membros*, tem

apenas um palavrão. No entanto eu a considero das coisas mais violentas que já se escreveram sobre este nosso mundo brasileiro — internacional.

4. É sabido que os ingleses não são muito fortes nesse tipo de expressão. Quando, há uns quinze anos, indignado com as críticas que lhe fazia o jornalista Drew Pearson, o presidente Truman perdeu as estribeiras e o chamou publicamente de "Son of a bitch", o *Time*, comentando o escândalo, esclareceu que, evidentemente, o presidente usara aquela expressão por lhe faltar opção na língua inglesa. Se fosse na Itália, dizia a nota, haveria pelo menos cinquenta escolhas. Valha o mesmo para o português, onde, inclusive, usamos algumas belas expressões italianas, com pleno efeito.

(*Correio da Manhã*, 31 de março de 1968.)

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	V
<i>Personagens</i>	5
ATO I	9
ATO II	65
APÊNDICE: <i>Palavrões e Palavrinhas</i>	121